

OXIGÊNIO

NOVEMBRO 2025

o

NÚMERO 75

ADIAR O FIM DO MUNDO



EDITORIAL

EM NOVEMBRO, A ARTE BORBULHA E ABRAÇA O PLANETA PRA ADIAR O FIM DO MUNDO

Entre jardins concebidos para que a arte também floresça e possa ser contemplada, e às portas da COP30 na Amazônia, arte viva e exuberante brota com força na **OXIGÊNIO** de novembro.

Nossa matéria de capa – que não por acaso se chama *Adiar o fim do mundo* (FGV-Arte, Botafogo, Rio de Janeiro), tem curadoria de Ailton Krenak e Paulo Herkenhoff. A mostra ferve com as questões que perpassam o planeta, além de trazer obras inéditas e de reunir dezenas de criações emblemáticas de artistas brasileiros e internacionais.

A diversidade artística, naturalmente, se reinventa o tempo todo e coloca no palco, na forma de arte, as grandes questões de um tempo de mudança e de novos compromissos.

Pelas janelas da revista, você espiará exposições que apontam para vários destinos da arte em ebulição, como a valiosa mostra de Geraldo de Barros, uma verdadeira raridade. Questões candentes como a água, o verde, a memória, a sobrevivência e a ancestralidade pululam em diferentes exposições pelo país afora. Teatro e música também estão na pauta, como a raríssima ópera *Les Indes Galantes*, de Giuseppe Verdi, em nova produção do Teatro Municipal de São Paulo, com toques de contemporaneidade.

Diante da premência de adiar o fim do mundo, a gente quer é sobreviver de verdade: abraçar as causas ambientais, cuidar da água, do verde, da memória, da nossa humanidade e de tudo que está vivo e de pé – seja na floresta, nas artes ou na vida.

Por tudo isso, a **OXIGÊNIO** celebra novembro abrindo várias portas, janelas e frestas pelas quais você passa, reconhece e respira o espírito de todas as artes.

Vamos então nos jogar, de corpo e alma, nas páginas que se seguem? Boa leitura e boas ideias pra gente viver a arte de um jeito diferente!

Capa: Christian Cravo, *Metamorphosis*, Gana, 2023 – Exposição *Adiar o fim do mundo*, FGV Arte

Jornalista Responsável: Vera Matagreira – MTB 16.742 | Editora: Ana Lígia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Maurette Brandt

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

- TEATRO:** *Borda*, da Lia Rodrigues Cia. de Danças, estreia no Sesc Pinheiros, SP | *Mães, O Musical*, inicia curta temporada no Rio de Janeiro | *Jeca – Um Povo Ainda Há de Vingar* – Musical original inédito, livremente inspirado no álbum *Refazenda*, de Gilberto Gil, no Sesc Consolação, SP | Ópera *Macbeth*, de Verdi, ganha nova montagem no Theatro Municipal de São Paulo | *Os Vencedores* encerra a premiada Trilogia da Fuga com corajoso mergulho no conflito social | Musical *O Admirável Sertão de Zé Ramalho*
- 04
- 14 **MATÉRIA DE CAPA:** *Adiar o Fim do Mundo*
- 20 *Não é fácil ser verde*
- 26 *Manguezal* faz história no CCBB RJ
- 31 *Jogo da Memória* – Conjunto inédito e raro de Geraldo de Barros na Luciana Brito Galeria, SP
- 35 Exposição *Brasil das Múltiplas Faces* marca abertura do Espaço Milú Villela no Itaú Cultural, SP
- 39 A potência da fotografia indígena – Edgar Kanaykô Xakriabá faz sua primeira exposição individual em São Paulo
- 43 Duas novas mostras movimentam a Galeria Anita Schwartz, no Rio de Janeiro
- 50 *Jaime Lauriano: Eu estou aqui com toda minha gente*, na Nara Roesler Rio de Janeiro
- 56 Almeida & Dale apresenta, em SP, programação internacional com artistas do Peru, Cuba, Índia, Bangladesh e Tanzânia
- 60 *Para não dizer que não falei de flores*, de Marcos Roberto, e *Arquiteturas da Água*, de Osvaldo Gaia, na Galeria Lume, SP
- 64 *Atemporal* – *Como se fosse a primeira vez*
- 67 *Criaturas*, de Caio Marcolini, na Cassia Bomeny Galeria, RJ
- 70 Tarsila, Portinari e Volpi em Florianópolis: mostra reúne 29 ícones da arte brasileira
- 74 Antonio Poteiro: 100 anos
- OXIGENE: Exposições:** *Antonio Obá – Nascimento*, na Mendes Wood, SP | *Jaguar Parade* em Belém | *Caçadores de pipas e o Jacarezinho* – **Ópera:** Theatro Municipal de São Paulo – *Les Indes Galantes*, de Jean-Philippe Rameau – **Gastronomia:** Segredos do *Stollen* no Natal em Pomerode, SC – **Passeio:** História servida à mesa – evento une gastronomia e memória no coração do Rio



BORDA, da Lia Rodrigues Cia. de Danças, estreia no Sesc Pinheiros, SP



Foto: Sammi Landweer

Num jogo entre fronteira e bordado, corpos e materiais se encontram, se transformam e se reinventam no novo espetáculo de Lia Rodrigues, onde a coreógrafa investiga os múltiplos sentidos da palavra borda: limite, margem, entre-lugar – e também o ato de bordar, tecer, elaborar

Com nove intérpretes em cena, a coreografia percorre espaços intermediários e questiona: é possível redesenhar o mundo? O palco evoca fronteiras geográficas e simbólicas – muros, arames, portões –, mas também abre espaço para imaginar novos mundos, onde oposições como hospitalidade e hostilidade, liberdade e dominação, nativo e estrangeiro se tensionam e se misturam.

O espetáculo – que estreou este ano e fez passagem por festivais na França, Alemanha e Bélgica – se constrói como um bordado de memórias, entrelaçando 35 anos de trajetória da companhia. Fragmentos de obras anteriores reaparecem transformados, em um gesto de reutilização e reinvenção. Tecidos, objetos e corpos formam um organismo vivo em constante mutação.

Com trilha sonora que incorpora gravações da *Missão de Pesquisa Folclórica* de 1938, idealizada por Mário de Andrade, *Borda* reafirma o diálogo entre arte, memória e criação coletiva. O trabalho é sustentado por parcerias internacionais e integra o Centro de Artes da Maré, espaço de criação, formação e circulação artística.

SERVIÇO

Borda

Até 23 de novembro

Sesc Pinheiros – Teatro Paulo Autran

Rua Paes Leme, 195, Pinheiros, São Paulo / SP

Dias/Horários: de quinta a sábado, às 20h; domingo, às 18h

Ingressos: R\$ 70, R\$ 35, R\$ 21

Duração: 60 minutos

Classificação: 12 anos

Mães, o Musical, inicia curta temporada no Rio de Janeiro



Foto: Edgar Machado

*Espectáculo que conquistou plateias nos Estados Unidos, Austrália e Buenos Aires
tem montagem brasileira produzida por Claudia Raia,
direção de Jarbas Homem de Mello e texto de Anna Toledo*

O sucesso off-Broadway *“Mães, o Musical”* (*Motherhood, the Musical*), com texto, letras e músicas de Sue Fabisch, versão brasileira de Anna Toledo e direção de Jarbas Homem de Mello, estreia no Teatro das Artes, no Rio de Janeiro, em 7 de novembro. A montagem convida o público a rir e se emocionar com um retrato afetuoso e divertido da maternidade.

Produzido por Claudia Raia, o espetáculo nasceu de sua própria experiência como mãe. *“Quis falar sobre a maternidade com leveza, humor e verdade – um tema que toca a todos”*, revela.

“A motivação para produzir Mães nasceu da minha própria experiência. Ser mãe de dois filhos e viver a maternidade de forma tardia, aos 56 anos, despertou em mim o desejo profundo de falar sobre esse universo com leveza, humor e, acima de tudo, verdade. Mães é uma comédia inteligente e sensível sobre um tema universal. Quem ainda não viveu a maternidade, provavelmente viverá – e quem não viver, certamente acompanhou de perto a trajetória da própria mãe. É um assunto que toca a todos. O espetáculo é uma celebração da vida real, dessas mulheres que enfrentam os desafios da maternidade com amor, exaustão e, claro, uma boa dose de riso”, conclui Claudia Raia.

A história se passa em um chá de bebê, onde quatro amigas – Dani, Júlia, Márcia e Tina – compartilham desafios, alegrias e descobertas da vida materna. Com trilha pop/rock e canções originais, o musical aborda as diversas fases da maternidade com humor e emoção.

Para o diretor Jarbas Homem de Mello, *Mães* é uma comédia afetuosa que celebra *“a beleza atemporal da*

maternidade”, com cenografia de Natália Lana e figurinos de Bruno Oliveira que destacam as múltiplas facetas desse universo.

SERVIÇO

Mães, o Musical

De 7 de novembro até 14 de dezembro

Teatro das Artes

Shopping da Gávea, 2º Andar, R. Marquês de São Vicente, 52, Lj 264, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: sexta e sábado, às 20h; domingo, às 18h

Ingressos: de R\$ 25,00 a R\$ 190,00, à venda no Divertix –

<https://divertix.com.br/teatro/maes-o-musical>

Classificação: Livre | Duração: 90 minutos



Foto: Arthur Guterres



Foto: Gustavo Mendes

JECA – UM POVO AINDA HÁ DE VINGAR

Musical original
inérito, livremente
inspirado no álbum
Refazenda,
de Gilberto Gil,
no Sesc Consolação,
São Paulo

O Sesc Consolação apresenta *Jeca – Um Povo Ainda Há de Vingar*, musical original livremente inspirado no disco *Refazenda*, de Gilberto Gil, lançado em 1975 e que completa 50 anos. A montagem é do Grupo 59 de Teatro, com direção de Kleber Montanheiro e texto de Lucas Moura da Conceição e Marcelino Freire.

A obra acompanha a jornada de Jeca Total, um homem do povo que, ao retornar às suas origens, reencontra memórias, afetos e paisagens de um Brasil plural e contraditório, em busca de reconexão com a terra e com sua própria história. A dramaturgia se inspira nas canções do álbum de Gil e constrói, a partir delas, uma metáfora cíclica sobre as estações da vida, a natureza e a música.

O texto é menos uma história linear e mais um rito de travessia, na qual o protagonista –

alegoria coletiva e coral de um povo – se (re)encontra e se revê por meio de sua memória afetiva, da música e da cultura popular brasileira. A partir daí, consciente de sua história, segue para reencantar (em) um outro tipo de gente; replantar o passado como semente para um novo povo, uma cultura nova, uma refazenda.

Com 10 atores e quatro músicos em cena, o espetáculo integra o projeto “*Ré: a (re)visão de um país*”, contemplado pela 42ª edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. As canções de Refazenda e outras composições de Gilberto Gil, Luiz Gonzaga, Dominginhos e Anastácia são executadas ao vivo, sob direção musical de Marco França, que também assina os arranjos e músicas originais.

Jeca – Um Povo Ainda Há de Vingiar reafirma o compromisso do Grupo 59 de Teatro com a pesquisa da identidade cultural brasileira, celebrando a potência da música popular como narrativa e rito de travessia. Esta estreia é a primeira de uma série de três peças que

bebem na fonte da *Trilogia Re*, composta também pelos álbuns *Refavela* (1977) e *Realce* (1979), um retrato musicado de um Brasil rural, negro e cintilante.

SERVIÇO

Jeca – Um Povo Ainda Há de Vingiar

Até 23 de novembro

Sesc Consolação – Teatro Anchieta

Rua Dr. Vila Nova, 245, Vila Buarque. São Paulo / SP

Tel.: (11) 3234-3000 | www.sescsp.org.br/consolacao

Dias/Horários: quinta a sábado, às 20h; domingos e feriados, às 18h; sessão vespertina, dia 05/11, quarta, às 15h; sessão com acessibilidade em Libras, dia 13/11, quinta, às 20h.

Ingressos: R\$ 70,00 (inteira), R\$ 35,00 (meia) e R\$ 21,00 (credencial sesc)

Vendas: centralrelacionamento.sescsp.org.br | App Creden-
cial SP | presencialmente nas bilheterias das unidades do
Sesc São Paulo

Classificação: Não recomendado para menores de 14 anos

Duração: 120 minutos

Ópera Macbeth, de Verdi, ganha nova montagem no Theatro Municipal de São Paulo

Até 9 de novembro, Macbeth será revisitada com montagem atemporal e linguagem contemporânea, explorando os limites da ambição, do poder e da tragédia humana. Elisa Ohtake assina a cenografia e a direção cênica; Roberto Minczuk, a direção musical



Orquestra Sinfônica Municipal

Foto: Rafael Salvador

A montagem conta com o Coro Lírico Municipal e a Orquestra Sinfônica Municipal; e no elenco, Marigona Qerkezi e Olga Maslova se revezam no papel de Lady Macbeth; Craig Colclough e Douglas Hahn interpretam Macbeth; Savio Sperandio e Andrey Mira dão voz a Banquo; e Giovanni Tristacci e Enrique Bravo se alternam como Macduff. O figurino é assinado por Gustavo Silvestre e Sônia Gomes; Roberto Alencar e Elisa Ohtake fazem a preparação corporal e o desenho de luz é de Aline Santini.

Estreada em 1847 em Florença, *Macbeth* foi concebida durante um ano árduo na carreira de Verdi, uma fase em que batalhava para se afirmar no cenário lírico italiano. Com libreto de Francesco Maria Piave e acréscimos de Andrea Maffei, a ópera foi bem recebida em sua première, mas desapareceu dos palcos por quase um século, em parte em razão das exigências do papel de Lady Macbeth, considerado um desafio extremo para as sopranos.

Inspirada na famosa tragédia de William Shakespeare, a ópera de Verdi narra a ascensão e queda de um dos casais mais sombrios da literatura. Ambientada na Escócia medieval, a história segue Macbeth, um valente e leal guerreiro que, ao ouvir as profecias das bruxas, se vê seduzido pela ideia de conquistar o trono. Impulsionado pela ambição desmedida e pela manipulação de sua esposa, Lady Macbeth, ele assassina o rei Dun-

can e assume o poder. Contudo, a culpa e o medo do que virá em seguida corroem a mente de ambos, desencadeando um ciclo de violência, paranoia e tragédia.

A ópera explora os limites da ambição humana, o preço do poder e a fragilidade da moralidade. Nesta versão, a diretora Elisa Ohtake propõe uma montagem atemporal, com uma linguagem contemporânea, na qual a ganância, a culpa e o poder assumem contornos visuais e simbólicos marcados pelo excesso e pelo colapso.

Com sólida trajetória nas artes cênicas, Elisa Ohtake é diretora de teatro e dança, cenógrafa, professora e pesquisadora. Premiada pela APCA por *Tira Meu Fôlego*, é mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, com formação em dança, performance e teatro, e vasta experiência como docente na Escola Superior de Artes Célia Helena.

SERVIÇO

Macbeth

1º de novembro, às 17h | 4, 5 e 7 de novembro, às 20h
8 e 9 de novembro, às 17h

Theatro Municipal de São Paulo – Sala de Espetáculos
Praça Ramos de Azevedo, s/n, República, São Paulo / SP

Duração: Aproximadamente 180 minutos

Classificação indicativa: acima de 10 anos

Ingressos: de R\$ 33 a R\$ 210 (inteira)

Acessibilidade: tradução em Libras, acesso para cadeirantes, banheiro acessível



Foto: Victor Otsuka

OS VENCEDORES encerra a premiada *Trilogia da Fuga* com um corajoso mergulho no conflito social

Escrita por Leonardo Cortez e dirigida por Pedro Granato, a peça aborda as tensões de uma família de classe baixa com o humor ácido e a crítica social que caracterizam os espetáculos anteriores da trilogia

Na comédia dramática, Maria Rita e Francisco celebram 20 anos de casamento, mas a chegada inesperada do patrão do marido, alcoolizado e inconformado com um divórcio iminente, transforma o jantar em um explosivo embate de verdades, revelando frustrações, desejos e

derrotas de personagens que, ironicamente, se veem como vencedores.

Na trama, como em tantos lares brasileiros, os sacrifícios de Maria Rita e Francisco garantiram uma vida

mais confortável aos filhos gêmeos de 23 anos, que agora buscam conciliar seus sonhos pessoais com as exigências da sobrevivência. A mãe, vendedora de cosméticos e dona de casa sobrecarregada, sente o peso das responsabilidades cotidianas, enquanto o pai trabalha como motorista particular de Fernando, um patrão abusivo.

Com Gabriel Santana, Glaucia Libertini, Lena Roque, Leonardo Cortez e Luciano Chirolli no elenco, o espetáculo expõe as contradições de uma sociedade marcada por servilismo e desigualdade. A trilha sonora de Dani Nega reforça esse retrato, ao trazer para o palco músicas populares das periferias.

A Trilogia da Fuga – formada ainda por *Pousada Refúgio* (2019) e *Veraneio* (2023) – reflete o humor e a dor das relações contemporâneas. As montagens renderam prêmios como APCA, Shell, Aplauso Brasil e Bibi Ferreira, e figuraram entre os melhores espetáculos do ano, segundo o Estadão.

Para Leonardo Cortez, *Os Vencedores* encerra o ciclo apontando para a libertação possível que nasce do confronto com as próprias angústias. “*Entrar no terreno das dificuldades humanas é o primeiro passo para a construção de uma nova realidade regida por comunidade, cooperação e amor.*”

SERVIÇO

Os Vencedores

Até 14 de dezembro

Sesc Ipiranga

Rua Bom Pastor, 822, Ipiranga, São Paulo / SP

Informações: (11) 3340-2035

Dias/Horários: sextas e sábados às 20h; domingos e feriados às 18h; sessão com intérprete de Libras, 21/11.

Ingressos: R\$ 60 (inteira) / R\$ 30 (meia) / R\$ 18 (credencial plena)

Vendas pelo site sescsp.org.br/ipiranga | no aplicativo Credencial SescSP | nas unidades do Sesc

Duração: 90 minutos

Classificação: 16 anos



Foto: Victor Otsuka

MUSICAL “O ADMIRÁVEL SERTÃO DE ZÉ RAMALHO”



Foto: Divulgação

Idealizado por Eduardo Barata, o espetáculo terá apresentações nas cidades de Macaé e Rio de Janeiro

O Admirável Sertão de Zé Ramalho apresenta a trajetória do artista de maneira não tradicional, evitando o formato biográfico convencional. Em cena, o personagem Zé surge apenas nos números musicais, criando uma abordagem inédita. O elenco diverso amplia as

perspectivas, permitindo que múltiplas histórias se entrelacem em uma única narrativa.

“Este espetáculo nasceu como canto e celebração. É uma homenagem a um dos maiores artistas do Brasil,

que transformou o Nordeste em linguagem universal e levou sua poesia ao mundo, com a força do sertão e a grandeza de sua obra. O enredo, delicado e profundo, acompanha o caminho da própria música de Zé Ramalho: singela, poética e reflexiva. Em cena, surgem personagens que atravessam sua criação e ecoam todos os sertões possíveis – os que habitam nossa terra e os que habitam nossa alma. O gesto é este: celebrar Zé Ramalho como referência e revelar, no palco, a potência lírica de sua arte”, afirma o produtor e idealizador do projeto, Eduardo Barata.

Com passagem por dez cidades brasileiras, *O Admirável Sertão de Zé Ramalho* presta um tributo grandioso ao cantor e compositor paraibano, em um formato original e inédito. Com mais de 40 anos dedicados à composição, à poesia e à música, Zé tem sua obra revisitada por meio de cinco representações de “Zés”, que ganham vida nos números musicais:

Brejo da Cruz, que remete às origens do artista;

Campina Grande, sobre o despertar de seu interesse pela música;

João Pessoa, que retrata a fase lisérgica e o início de sua trajetória como compositor;

Rio de Janeiro, que aborda sua luta pela sobrevivência e o sonho de reconhecimento;

e *Popstar*, que simboliza o sucesso e a consagração do autor de clássicos como *Avôhai*, *Admirável Gado Novo*, *Garoto de Aluguel*, *Pedra do Ingá* e *Chão de Giz*, entre outros.

Natural de Brejo do Cruz (PB), Zé Ramalho bebeu nas fontes da literatura de cordel, do blues, do rock e do violão nordestino. Sua obra alia contemporaneidade e tradição, traduzindo emoções e sentimentos universais em versos e melodias de profunda força poética.

Apelidado de “Bob Dylan do Sertão”, o poeta, cantor e compositor foi influenciado pela Jovem Guarda e

por nomes como Roberto e Erasmo Carlos, Pink Floyd, Beatles, Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga. Sua música é uma miscelânea de ritmos, sons e palavras – do xote ao rock, do amor ao esotérico, sempre com um olhar crítico e sensível.

A dramaturgia do espetáculo é de Pedro Kosovski; a direção, de Marco André Nunes. No elenco, Eli Ferreira, Ceiza Moreno, Cesar Werneck, Duda Barata, Verônica Sanfoneira, Marcello Melo, Muato, Nizaj, Diego Zangado e Tiago Herz. O evento conta com o patrocínio da Petrobras.

SERVIÇO

“O Admirável Sertão de Zé Ramalho”

Macaé

7 e 8 de novembro

Teatro Firjan Sesi Macaé

Alameda Etelvino Gomes, 155, Riviera Fluminense, Macaé / RJ

Rio de Janeiro

13 de novembro a 14 de dezembro

Teatro Carlos Gomes

Com apresentações de quinta à domingo

Praça Tiradentes, s/nº, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Informações no instagram: [barata.comunicacao](https://www.instagram.com/barata.comunicacao)

Foto: Divulgação



ADIAR O FIM DO MUNDO



Claudia Andujar, *Balsas ilegais na área Yanomami*, da série *Consequências do contato*, 1989

Foto: Divulgação

Arte, pensamento e cosmologia em tempos de colapso: mostra na FGV Arte, Rio de Janeiro, reúne saberes ancestrais e grandes nomes de diferentes regiões e gerações da arte brasileira: Adriana Varejão, Ayrson Heráclito, Berna Reale, Cildo Meireles, Claudia Andujar, Denilson Baniwa, Ernesto Neto, Guignard, Hélio Oiticica, Jaider Esbell, Nádía Taquary, Sandra Cinto, Sebastião Salgado, Siron Franco e Tunga. A curadoria é de Ailton Krenak e Paulo Herkenhoff

Ao coincidir com o período da COP30, a exposição *Adiar o fim do mundo*, com curadoria de Paulo Herkenhoff e Ailton Krenak, articula arte, ecologia e filosofia em torno de um enunciado que é, ao mesmo tempo, uma advertência e um convite: adiar o fim do mundo é reinventar o presente.

Inspirada na produção e no pensamento de Krenak, pensador indígena, escritor e ativista ambiental, membro da Academia Brasileira de Letras, a exposição reúne mais de 100 obras de diferentes períodos e contextos culturais, com técnicas e suportes que abordam as urgências da crise ambiental, o legado do colonialismo, o racismo estrutural e os modos de resistência dos povos originários e das comunidades tradicionais.

Mais do que uma metáfora, *Adiar o fim do mundo* é uma proposição estética e política que entende a arte como instrumento de reencantamento do mundo e de reconstrução das relações entre humanos e natureza.

“Não se trata de uma exposição sobre o fim, mas sobre a continuidade da vida”, afirma Herkenhoff. “A arte aqui é compreendida como um território de insurgência e imaginação, capaz de propor novas alianças entre corpo, natureza e espírito. O diálogo com Krenak nos convida a repensar o lugar da arte dentro de uma ecologia da existência.”

“Adiar o fim do mundo é um exercício de imaginação e de escuta”, observa Krenak. “Enquanto insistirmos em olhar o planeta como um objeto a ser explorado, seguiremos acelerando o colapso. A arte, ao contrário, nos chama a ouvir a Terra e a reconhecer que ela também sonha, sente e fala.”

Entre os nomes reunidos pelos curadores estão Adriana Varejão, Alberto da Veiga Guignard, Aluísio Carvão, Anna Maria Maiolino, Ayrson Heráclito, Berna Reale, Camille Kachani, Cildo Meireles, Claudia Andujar, Denilson Baniwa, Evandro Teixeira, Hélio Oiticica, Ivan

Camille Kachani, *Cocos*, 2021

Foto: Divulgação



Ernesto Neto, *Teia do Bicho Tempo, Quark!*, 2024

Foto: Divulgação





Sebastião Salgado, *Monte Roraima*

Grillo, Jaider Esbell, Jaime Lauriano, Marcos Chaves, Nádia Taquary, Niura Bellavinha, pajé Manoel Vandique Kaxinawá Dua Buse, Rodrigo Braga, Sandra Cinto, Sebastião Salgado, Siron Franco, Thiago Martins de Melo, Tunga e muitos outros.

A coletiva inclui também 11 obras comissionadas, concebidas especialmente para a mostra, dos artistas Cabelo, Cristiano Lenhardt, Daniel Murgel, Ernesto Neto, Hugo França, Keyla Sobral, Rosana Palazyan, Rodrigo Bueno, Souza Hilo e do coletivo de artistas indígenas Apinajé.

O projeto ocupa todos os espaços da FGV Arte – instalações e jardins comissionados na esplanada e nos pilotis, além de obras na galeria principal –, estabelecendo um percurso imersivo em diálogo com a arquitetura modernista e o entorno da cidade. A exposição se amplia com ações educativas, oficinas e programas públicos que refletem a dimensão formativa e comunitária do projeto.

Entre as iniciativas paralelas, a mostra contará com cursos profissionais e livres sobre arte, ecologia e cosmológica; um programa educativo que conta com a

participação da educadora Gleyce Kelly Heitor, acompanhado de um caderno de atividades desenvolvido pelo artista Gustavo Caboco; e a segunda edição do *Festival Criar Mundos*, voltado para crianças e jovens.

O projeto inclui, ainda, um abrangente programa de visitação e formação de público, com mais de 100 escolas públicas já agendadas, oficinas mensais com artistas participantes e uma oficina especial com os indígenas Apinajé.

Durante o período da exposição, a FGV Arte promoverá o ciclo de conferências *“Antropoceno e Emergência Climática: quando a ciência e a arte se encontram”*, sob a coordenação da Prof^a Dr^a Blanche Marie Evin da Costa, coordenadora de Desenvolvimento Acadêmico da FGV Arte. O programa reunirá especialistas nacionais e internacionais para debater, sob diferentes perspectivas, os desafios da crise climática contemporânea.

*“Essa exposição
propõe um deslocamento:
o humano volta a ser
parte de um ecossistema
simbólico e espiritual”*

Paulo Herkenhoff

Para Herkenhoff, o encontro entre arte contemporânea e pensamento indígena é um gesto de deslocamento epistemológico. *“A modernidade ocidental construiu a ideia de humanidade como centro do mundo. Essa exposição propõe um deslocamento: o humano volta a*

Denilson Baniwa, *A revolta das Jubartes*, 2023

Foto: Pedro Agilson



Tonico Lemos Auad,
Sermão aos Peixes
Foto: Divulgação



ser parte de um ecossistema simbólico e espiritual. O diálogo entre artistas como Hélio Oiticica e Denilson Baniwa, por exemplo, revela essa trama entre corpo, política e natureza”, reflete o curador.

Krenak conclui com um alerta poético e provocador: *“Precisamos inverter o discurso da sustentabilidade, abrir fendas na lógica. Se o pensamento racional não dá conta de salvar o planeta, talvez o gesto poético possa”.*

Assim, *Adiar o fim do mundo* afirma-se como um manifesto visual pela vida em tempos de crise, em que a arte atua como linguagem de resistência, gesto de esperança e convocação ao cuidado com a Terra – organismo vivo, casa comum e horizonte possível.

SOBRE A FGV ARTE

Localizada na sede da FGV, em Botafogo, no Rio de Janeiro, a FGV Arte é um espaço voltado para a valorização, a experimentação artística e os debates contemporâneos em torno da arte e da cultura, que procura incentivar o diálogo com setores criativos e heterogêneos da sociedade.



Thiago Martins de Melo,
Ogum senhor das lutas do sul global
Foto: Divulgação

Divide-se em três eixos principais: exposições, publicações e atividades educacionais acadêmicas e práticas. Tem como curador chefe o crítico Paulo Herkenhoff.

*“Se o pensamento racional
não dá conta
de salvar o planeta,
talvez o gesto poético
possa”.*

Ailton Krenak

SERVIÇO

Adiar o fim do mundo

Até 21 de março de 2026

FGV Arte – Esplanada da Fundação Getúlio Vargas
Praia de Botafogo, nº 186, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ
Tel.: (21) 3799-5537

Dias/Horários: de terça a sexta, das 10h às 20h;
sábados e domingos, das 10h às 18h

Entrada gratuita

Classificação livre

<https://portal.fgv.br/fgv-arte>



De cima para baixo:
Ricardo Ribemboim, *Urubu*;
Adriana Varejão, *Nascimento Ondina*, 2009;
Anna Maria Maiolino, *Instalação Here & There*, 2012
Fotos: Divulgação



“NÃO É FÁCIL SER VERDE”

Exposição em
formato digital
leva reflexões
sobre crise
climática às
ruas do Brasil

*Obras de artistas brasileiros
e internacionais serão
apresentadas em espaços
de mídia out-of-home
em diversas capitais do país;
a ação é parte da
programação do Ano Cultural
Brasil/Reino Unido 2025-26*



Olinda Tupinambá, *Marulho*, foto-performance, 2024

Uma das maiores exposições de arte pública do mundo chega ao Brasil. Sob o tema *“Não é fácil ser verde”*, o projeto *The Gallery* traz obras de 16 artistas do Brasil, do Reino Unido e de outros sete países a centenas de painéis e telas de publicidade digitais espalhadas por São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Fortaleza, Manaus, Porto Alegre e Belém, sede da COP30 – além de Londres, Margate, Dorking, Manchester, Edimburgo, Belfast, Inverness, Newcastle, Liverpool, Bristol, Exeter, Bournemouth, Cornwall e outras regiões no Reino Unido.

Ao ocupar espaços públicos originalmente dedicados à publicidade, a mostra provoca uma reflexão coletiva sobre a crise climática. *The Gallery* leva a arte para os lugares onde as pessoas vivem, trabalham e circulam diariamente, transformando ruas e avenidas em museus

sem paredes, convidando milhões de pessoas a refletir sobre responsabilidade social e ambiental.

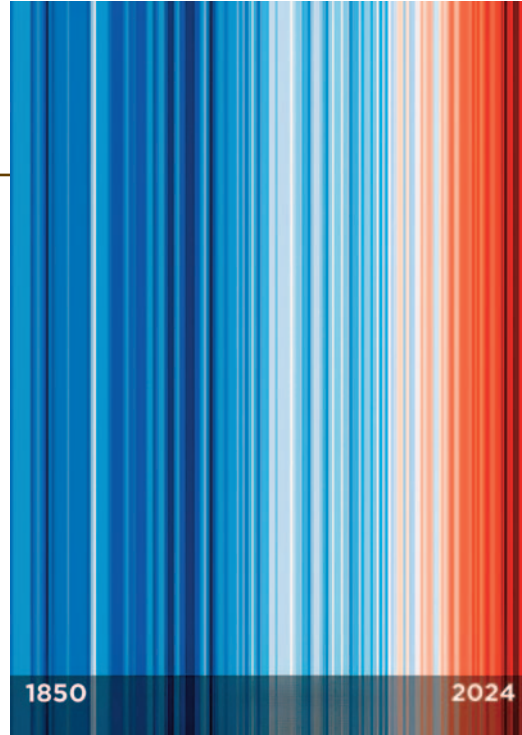
A exposição poderá ser vista pelo público brasileiro até 18 de novembro e faz parte do Ano Cultural Brasil/Reino Unido 2025-26, promovido pelo *British Council*, organização internacional do Reino Unido para relações culturais e educacionais, em parceria com o Instituto Guimarães Rosa, o órgão de diplomacia cultural e educacional do governo brasileiro. A mostra britânica teve início em outubro e as obras ficarão disponíveis em espaços públicos até 4 de novembro.

“O Ano Cultural Brasil/Reino Unido é uma celebração do processo criativo que olha para a forma como a cultura é desenvolvida, compartilhada e vivenciada pelas pessoas em todos os lugares. Poucos projetos traduzem tão bem a ideia de que a arte é para todos quanto The Gallery. Após seu sucesso no Reino Unido, agora é a vez do Brasil”, afirma Tom Birtwistle, Diretor do *British Council* no Brasil. *“É inspirador saber que milhões de pessoas, em centenas de locais no Brasil e Reino Unido, terão a oportunidade de refletir coletivamente sobre um tema tão importante quanto a crise climática, motivadas pelo poder da arte pública”*, completa.

A curadoria é de Bakul Patki, que destaca a diversidade das respostas artísticas ao tema: *“Seja por meio da raiva, resiliência, ironia ou tristeza, cada obra oferece uma perspectiva distinta sobre esse desafio complexo e global. Estou animada e energizada por ver essas criações ganhando o mundo, ocupando o espaço público*



Venâncio Evensen Ulombe, *A Natureza Pede Socorro*, Fotografia, 2019



Prof. Ed Hawkins, National Centre for Atmospheric Science, University of Reading, *Warming Stripes (Listras de Aquecimento)*, Gráfico de visualização de dados, 2025



The Krank, *Footprint (Pegada)*, Land Art, 2022

que lhes pertence, despertando conversas e provocando reflexões nos lugares do dia-a-dia”.

The Gallery apresenta trabalhos de Ackroyd & Harvey (Reino Unido), Ed Hawkins (Reino Unido), Hayden Kays (Reino Unido), Thiago Rocha Pitta (Brasil), Yinka Shonibare CBE RA (Reino Unido), Arnolt Smead (Holanda/Reino Unido), Uýra Sodoma (Brasil), Hannah Starkey (Reino Unido), Olinda Tupinambá (Brasil), Justin Brice Guariglia (EUA), Muhammad Amdad Hossain (Bangladesh), Chris Jordan (EUA), Deepak Kathait (Índia), The Krank (Grécia), Venâncio Evensen Ulombe (Angola) e Vanessa Wagneur (Bélgica). As obras transitam entre fotografia, performance, escultura, *land art* e visualização de dados, de modo a oferecer múltiplas perspectivas sobre a emergência climática.

ALGUMAS OBRAS

Thiago Rocha Pitta, *Herança*, Frame do vídeo, 2007

Retirada de um filme homônimo em homenagem ao pai do artista, a imagem mostra duas árvores em um barco aparentemente à deriva no mar, com destino desconhecido, que deixa os espectadores também com uma sensação de desorientação e perda. Desde que a obra foi criada, Rocha Pitta enterrou o barco em seu estúdio em Petrópolis, um santuário ecológico numa área montanhosa nos arredores do Rio de Janeiro. Árvores também foram plantadas no espaço e estão crescendo como parte dessa preciosa ecologia.

Olinda Tupinambá, *Marulho*, foto-performance, 2024

Uma entidade aquática que simboliza a força ancestral que habita rios e mares emerge das águas retirando plástico da boca – gesto simbólico e visceral que denuncia a poluição que silencia os oceanos e ameaça os frágeis recifes de corais. A obra é um manifesto pela responsabilidade ecológica e um espelho de nossa urgência ambiental.



Ackroyd & Harvey, *Protector (Protetor)*, Muda de grama e clorofila, 2025



Vanessa Wagneur, *Verde Essencial*, Instalação escultórica, 2025

Venâncio Evensen Ulombe, *A Natureza Pede Socorro*, Fotografia, 2019

Criada durante os incêndios da Amazônia, a imagem mostra um homem de pijama hospitalar respirando por uma máscara ligada a uma árvore. Um alerta visual sobre nossa dependência da natureza e o dever de protegê-la.

Professor Ed Hawkins, *Warming Stripes (Listras de Aquecimento)*, Gráfico de visualização de dados, 2025

Sem palavras: apenas uma série de barras verticais que registram, ano a ano, o aquecimento do planeta. Do azul ao vermelho, o gráfico sintetiza uma imagem impactante. Cada faixa representa a temperatura média durante um único ano, em relação à temperatura média do período de 1961 a 2010. A faixa marcante de listras vermelhas escuras, no lado direito do gráfico, mostra o rápido aquecimento da terra nas últimas décadas. As faixas climáticas foram criadas pelo professor em 2018. E mostram, de forma clara, como as temperaturas médias globais aumentaram ao longo de quase dois séculos.

The Krank, *Footprint (Pegada)*, Land Art, 2022

Intervenção efêmera de 1.000 m² na Ilha de Paxos, Grécia, de pegada de bota humana. Uma metáfora contundente do impacto ecológico da humanidade e da fragilidade dos ecossistemas. *Footprint* é deliberadamente efêmera, gravada no solo, mas destinada a desaparecer.

Ackroyd & Harvey, *Protector (Protetor)*, Muda de grama e clorofila, 2025

Retratos criados pela fotossíntese transformam a luz em imagem viva. O termo significa, literalmente, construir ou combinar por meio da luz – e pode ser considerado como a alquimia básica de toda a vida – o ouro do sol que se transforma no verde da vida. Parte da série *Protector*, a obra apresenta figuras que lutam por justiça ambiental e social – ativistas, artistas e defensores da natureza.

Vanessa Wagneur, *Verde Essencial*, Instalação escultórica, 2025

Obra inspirada pela experiência da artista durante o

tratamento de câncer de mama, em 2023. Para ela, “*ser verde*” representa um estado de união: unidos na diversidade, variados na singularidade. Essa foi a inspiração para *Verde Essencial*: um estado de cura para o mundo. O trabalho evoca esperança, provocação e até espiritualidade: imaginar um soro verde correndo por nossos corpos – um extrato vivo e orgânico da natureza que nos lembra que somos natureza, explica Wagneur.

Muhammad Amdad Hossain, *Grace on Waste (Graça sobre o Lixo)*, Fotografia, 2024

Retrato de uma mulher que trabalha em um aterro tóxico em Halishahar, Chattogram, Bangladesh, exposta a riscos diários para sobreviver. A cena mostra a dura realidade da injustiça ambiental e dos sistemas inadequa-

dos da gestão de resíduos. É uma lembrança cruel de que o fardo da sustentabilidade geralmente recai com mais força sobre aqueles que têm menos opções – o que mostra que ser verde não é fácil para todos.

Uýra Sodoma, *Florescer*, Foto-performance, 2021

Parte da série *Retomada* (2021), originalmente encomendada para a 34ª Bienal de São Paulo, a obra celebra a força das plantas pioneiras que florescem mesmo em ambientes hostis – metáfora da resistência da natureza e dos povos originários.

Yinka Shonibare CBE RA, *Food Man (Homem da Comida)*, escultura, 2021

Um personagem tenta manter o equilíbrio precário dos

Muhammad Amdad Hossain, *Grace on Waste (Graça sobre o Lixo)*, Fotografia, 2024



Uýra Sodoma, *Florescer*, Foto-performance, 2021



Yinka Shonibare CBE RA, *Food Man (Homem da Comida)*, Manequim de fibra de vidro, tecido de algodão estampado com cera holandesa, metal, aço, latão, globo pintado à mão, madeira, poliuretano e tinta acrílica, 2021



suprimentos que carrega, desafiando a gravidade – metáfora para um sistema alimentar em colapso, pressionado por mudanças climáticas, exploração industrial e desigualdade social. O globo que substitui sua cabeça representa um mapa das tendências globais de temperatura para o ano de 2020, com zonas vermelhas intensas simbolizando o aquecimento global. Uma crítica à produção e ao desperdício de alimentos, questionando a sustentabilidade.

SERVIÇO

The Gallery – Ano Cultural Brasil / Reino Unido 2025-26

Até 18 de novembro (Brasil)

Até 3 de novembro (Reino Unido)

Painéis e telas digitais em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre, Salvador, Fortaleza, Manaus e Belém

Coleção permanente online:

<https://thegallery.org.uk/pt-br/>

De cima para baixo:
Praia de Botafogo, Rio de Janeiro, RJ
R. Nossa Sra. da Glória, Rio de Janeiro, RJ

Fotos: Divulgação



“MANGUEZAL” FAZ HISTÓRIA NO CCBB RJ

Primeira exposição dedicada aos manguezais do Brasil
uma vida, resistência, ciência e arte contemporânea



Enrico Marone, *Garças-brancas nos manguezais próximos à comunidade de Quatipuru Mirim, na Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua, região de Bragança, Pará, julho 2022*



Lasar Segall, *Mulheres do Mangue*, 1944

Foto: Divulgação



Hélio Oiticica

Foto: Divulgação

Manguezal é uma exposição inédita no Brasil e sem paralelo internacional, inteiramente dedicada a esse ecossistema vital e pouco conhecido. Com curadoria de Marcelo Campos e produção do Andrea Jakobsson Estúdio, o projeto se baseia no livro homônimo realizado em parceria com a Cátedra UNESCO do Instituto Oceanográfico da USP – e parte da coleção sobre a Década do Oceano (2021–2030). A publicação, ilustrada por Enrico Marone, documenta manguezais de Norte a Sul do país.

A mostra amplia o olhar do livro para a experiência artística, e apresenta o manguezal como território simbólico, cultural e ambiental – espaço de vida, pesquisa, inspiração e sustento. Reúne aproximadamente 50 obras de 25 artistas brasileiros, em múltiplas linguagens, e propõe uma imersão no ecossistema como berçário marinho, barreira natural, sequestrador de carbono e fonte de alimento.

O tema atravessa a história da arte brasileira. O modernista Lasar Segall retratou a antiga zona de mangue

no Rio de Janeiro, região central na formação do samba e do urbanismo carioca. Décadas depois, Hélio Oiticica ressignificou o mangue em seus jogos linguísticos, unindo "mangue" e "banguê" em crítica à violência urbana. Ambas as abordagens evidenciam a persistência e relevância do tema ao longo do tempo.

Na arte contemporânea, artistas racializados, negros e indígenas retomam o manguezal como território simbólico e material. A argila, presente no ecossistema, ganha destaque como matéria ancestral e poética, como no trabalho da baiana Annia Rízia, que cria seres míticos em cerâmica, evocando espiritualidade e memória.

Outro destaque é a instalação *site-specific* de Gabriel Haddad e Leonardo Bora, baseada nas caruanas – seres encantados que habitam os manguezais, presentes na mitologia indígena brasileira. A obra amplia o imaginário do manguezal como espaço de encantamento, oralidade e criação coletiva.

Com linguagens e expressões artísticas diversas, Ygor Landarin, Lucélia Maciel, Azizi Cypriano, Almir Lemos, Aislane Nobre, Gabriella Marinho, Abelardo da Hora, Ayrson Heráclito, Carybé, Celeida Tostes, Marcel Gautherot, Frans Post, Maureen Bisilliat, Marcone Moreira, Uýra Sodoma, Ganhadeiras de Itapuã e Enrico Marone ampliam o diálogo entre arte, ciência, cultura e meio ambiente.

O Carnaval também marca presença na mostra. Além da instalação de Haddad e Bora – criadores do carro alegórico da Grande Rio, em 2025, inspirado no manguezal –, a exposição se conecta ao Carnaval de 2026, no qual o enredo da escola Grande Rio será “*Manguezal*”, criado por Antônio Gonzaga. O artista participa com quatro protótipos de fantasias apresentados ao público pela primeira vez, que dialogam com a força simbólica

e vital do mangue, o que revela a dimensão estética e política do Carnaval. A coincidência entre carnaval e exposição reforça o mangue como território de mitos, oralidade e transformação, unindo arte, cultura popular e meio ambiente de forma inédita e impactante.

Sob a condução de Marcelo Campos, com sólida trajetória na arte contemporânea e na pesquisa sobre identidades brasileiras, a exposição propõe o manguezal como metáfora do próprio país – mestiço, fértil e em constante reinvenção –, em diálogo direto com as discussões ambientais e sociais do nosso tempo.

“Imaginando o rosto de nossos ancestrais ou performando entre raízes e plantas ciliares, de Norte a Sul do Brasil, os artistas desta exposição nos trazem, em matéria, cor e imagem, a grandiosidade de um ambi-

Obras de Annia Rizia

Fotos: Divulgação



Ayrson Heráclito, *Nanã*, da série *Bori*

Foto: Divulgação





Obra de Uýra Sodoma

Foto: Divulgação



Carybé, Vendedor de caranguejos

Foto: Divulgação

ente que constitui um dos mais importantes patrimônios brasileiros”, afirma o curador.

Manguezal é uma realização do CCB RJ e da MaisArte, patrocinada pela Prefeitura do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura e Instituto Prio, com copatrocinio da TGS e apoio da EnvironPact, por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura – Lei do ISS. A mostra integra as celebrações dos 36 anos do CCB RJ.

SERVIÇO

Manguezal

Até 2 de fevereiro de 2026

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB RJ)

Rua Primeiro de Março, 66, 2º andar, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3808-2020 | ccbbrio@bb.com.br

Mais informações em bb.com.br/cultura

Dias/Horários: de quarta a segunda, das 9h às 20h (fecha às terças-feiras)

*Aos domingos, das 8h às 9h, atendimento exclusivo para visitação de pessoas com deficiências intelectuais e/ou mentais e seus acompanhantes, conforme determinação legal (Lei Municipal nº 6.278/2017).

Classificação indicativa: Livre | Entrada gratuita



Obra de Almir Lemos

Fotos: Divulgação



Marcel Gautherot, *Praia Maria do Anjo, Praia de Ramos,*
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Reprodução fotográfica: Gelatina/Prata – Instituto Moreira Salles

JOGO DA MEMÓRIA

Conjunto inédito e raro de Geraldo de Barros
na Luciana Brito Galeria, SP



Série Sobras, 1996-1998 / 2024

Geraldo de Barros © Fabiana de Barros/Instituto Moreira Salles

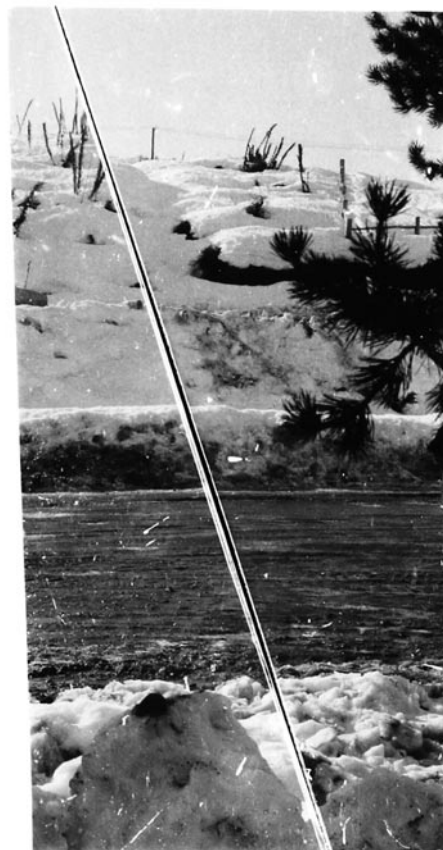
A memória, como se sabe, é seletiva. Feita de camadas de uma vida, ela guarda o registro da vida, organização. Ou melhor, defesa do inconsciente. Vazio, cheio, vazio, cheio, a memória. Na memória, o vazio nunca é um nada, sempre sobra alguma coisa.

(Trecho introdutório do documentário *Sobras em Obras*, de Michel Favre, 1999)

Luciana Brito Galeria apresenta *Jogo da Memória*, mostra inédita de Geraldo de Barros (1923-1998), organizada pelo Arquivo Geraldo de Barros (Fabiana de Barros e Michel Favre). A exposição reúne pela primeira vez a coleção completa da série *Sobras* (1996-1998 / 2024), última pesquisa do artista, marco experimental de sua trajetória. O conjunto de 281 peças propõe uma leitura expandida da complexidade e vitalidade de sua prática fotográfica.

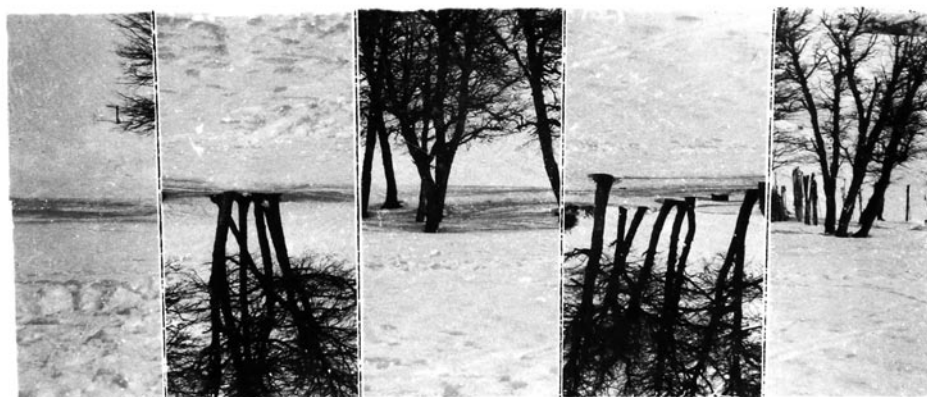
Figura essencial da arte contemporânea brasileira, Geraldo de Barros foi pioneiro ao aproximar a técnica da fotografia à linguagem artística com a série *Fotoformas* (1948–1953), por introduzir abstração e geometria na imagem. Essa incursão experimental o estabeleceu como o pioneiro dessa prática, des-cortinando para as possibilidades que alicerçam o cenário atual. Décadas depois, essa mesma inquietação reaparece em *Sobras*, criação de forte carga poética e afetiva.

A série *Sobras*, última realizada por Geraldo de Barros antes do seu falecimento, em 1998, com 75 anos, traz a impressão gestual e urgente do artista, que àquela altura já demonstrava grande dificuldade motora. Trata-se, sobretudo, de uma investigação que representa o auge da maturidade sensível, criativa e poética do artista – um testamento artístico que resgata suas memórias, além de condensar os principais aspectos da sua obra, como racionalidade



Série *Sobras*, 1996-1998 / 2024

Geraldo de Barros © Fabiana de Barros/Instituto Moreira Salles



Série *Sobras*, 1996-1998 / 2024
Geraldo de Barros © Fabiana de Barros/Instituto Moreira Salles

construtiva e subjetividade, fotografia documental e criatividade visual, por meio do experimentalismo.

Essa dimensão múltipla da série é realçada em *Jogo da Memória*, apresentação inédita concebida como uma linha do tempo construída a partir de relações temáticas, formais e estéticas. O percurso expositivo propõe um diálogo à distância com as etapas originais de sua realização, permitindo ao visitante mergulhar na riqueza e na vitalidade da obra de Geraldo de Barros.

As *Sobras* foram produzidas entre os anos de 1996 e 1998, período em que o artista recorreu aos negativos de diferentes períodos de sua vida – registros de viagens em família, imagens dos anos 1940 e outras encontradas em gavetas e envelopes guardados ao longo dos anos. Com o auxílio da filha, Fabiana de Barros, e de uma assistente, Geraldo recortou e recombinau esses negativos em 249 composições visuais, coladas em lâminas de vidro. Nesse processo, reafirmou sua ideia de que “a fotografia é de quem a realiza e não de quem expôs o negativo.”

Quase trinta anos depois, *Jogo da Memória* apresenta o conjunto completo da série, fruto de parceria entre a família do artista e o Instituto Moreira Salles (IMS), responsável pela recuperação e impressão das obras segundo as instruções originais de Geraldo, preservando uma ampla borda branca como parte da obra.

Instalada no pavilhão da galeria, *Jogo da Memória* convida o visitante a uma viagem pela prática do artista, projetando novas relações entre as *Sobras*, os vazios dos recortes e as múltiplas camadas de tempo e lembrança que atravessam sua obra. O jogo proposto é também um convite à imaginação – um exercício de reconstrução em que o olhar do público se torna parte ativa do processo criativo, prolongando a vida das imagens e, com elas, a memória do próprio artista.

SOBRE GERALDO DE BARROS

1923, Xavantes, Brasil – 1998, São Paulo, Brasil.

Geraldo de Barros é um dos principais nomes da arte brasileira do século XX. Combinando seus primeiros estudos sobre pintura e um interesse posterior em fo-

tografia, Geraldo trabalhou os limites dos processos fotográficos tradicionais, fez intervenções diretamente no negativo, fazendo múltiplas exposições do mesmo filme, sobreposições, montagens e recortes, questionando as regras clássicas de composição. Apesar da profunda preocupação formal, vista claramente no concretismo brasileiro, do qual Geraldo de Barros participou intensamente, o artista conseguiu fundi-la com suas preocupações sociais, o que o levou a abordar os processos industriais em seu trabalho – e a lidar coerentemente com as construções geométricas, reprodutibilidade, socialização da arte, teoria da forma e design industrial.

SERVIÇO

Geraldo de Barros – “Jogo da Memória”

Até 20 de dezembro

Luciana Brito Galeria

Av. Nove de Julho, 5162, São Paulo / SP

Whatswhapp (11) 98114-4103

E-mail: comunicacao@lucianabritogaleria.com.br

Dias/Horários: segunda, das 10h às 18h; terça a

sexta, das 10h às 19h; sábado, das 11h às 17h

www.lucianabritogaleria.com.br



Série Sobras, 1996-1998 / 2024

Geraldo de Barros © Fabiana de Barros/Instituto Moreira Salles



Adriana Varejão, *Pia de Sacristia*, 1991

Foto: Iara Venanzi

Exposição BRASIL DAS MÚLTIPLAS FACES
marca abertura do Espaço Milú Villela no Itaú Cultural, SP

Os 280 metros quadrados do novo espaço expositivo do IC são dedicados às artes moderna e contemporânea do Acervo Itaú Unibanco. Ao lado do Espaço Olavo Setúbal, que abriga a Brasileira, e do Espaço Herculano Pires, com a Numismática, a instituição agora oferece quatro pisos permanentes para mostras da maior coleção corporativa de arte da América Latina



Emiliano Di Cavalcanti, *Vendedoras de Peixe*, 1952

Foto: João L. Musa

O óleo sobre madeira *Paisagem* (1952), de Alberto da Veiga Guignard, recebe o visitante ao sair do elevador do sétimo andar do Itaú Cultural (IC). É o começo de uma viagem por 185 obras de 150 artistas, pertencentes ao Acervo Itaú Unibanco, em uma exposição organizada à maneira de uma reserva técnica, apresentada como um tesouro a ser descoberto. Trata-se de *Brasil das Múltiplas Faces*, que marca a inauguração do

Espaço Milú Villela – Brasileira: Arte Moderna e Contemporânea. Este novo piso oferece ao público mostras de longa duração, focadas na arte moderna e contemporânea produzida no país.

A curadoria da exposição é assinada por Agnaldo Farias, com concepção e realização da equipe Itaú Cultural e arquitetura de Daniel Winnik. O nome dado ao espaço



Almeida Junior, *Violeiro na Janela*, 1899

Foto: Edouard Fraipont

homenageia Milú Villela, que presidiu e expandiu o Itaú Cultural (IC) durante 18 anos, de 2001 a 2019, e o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), entre 1995 e 2019. Psicóloga, gestora cultural e filantropa, a vida de Milú é dedicada à democratização do acesso à arte e à cultura.

A exposição inaugural, *Brasil das Múltiplas Faces*, é uma narrativa que trabalha com o conceito de arte múltipla, buscando mostrar a complexidade do Brasil com um olhar que desafia a visão tradicional de uma única história da arte. Não se trata de um desencadea-

mento linear, cronológico ou eurocêntrico. A linha curatorial se debruça sobre um olhar para o passado, mas com a devida atenção para o contemporâneo e para artistas pertencentes a grupos antes marginalizados – como as produções afrodiaspóricas, de povos originários ou de artistas que não passaram por educação formal –, mas que são igualmente importantes na construção do patrimônio artístico brasileiro.

Os trabalhos estão dispostos em 10 núcleos, compostos de traineis, como se usa nas reservas técnicas para a manutenção e conservação das obras de arte nos museus, galerias e coleções. São eles: *Retratos, Desse-melhança! Paisagem, Modernos, As Abstrações (geométrica e informal), Sonhos e distorções, Nova Figuração, Década de 1970, A Geração 80 e Produção recente*.

No total, a mostra abriga 150 obras bidimensionais (entre pinturas, desenhos, gravuras e fotografias), 33 tridimensionais (esculturas e objetos) e dois vídeos – *Mil Olhos* (2018), de Lia Chaia, e *Ordinário* (2023), de Berna Reale. O arco temporal vai de 1889 até o presente, em um conjunto de obras capaz de traçar um panorama da produção artística brasileira. Há, por exemplo, produções dos primórdios da Brasiliana, como as pinturas *Violeiro na Janela* (1899), de Almeida Júnior, e *Itapema – Santos* (1889), de Benedito Calixto.

Benedito Calixto, *Itapema – Santos*, 1889

Foto: Sergio Guerini



“Esta é a primeira exposição voltada para essa fração do Acervo Itaú Unibanco. Ao se juntar e expandir a Coleção Brasileira, apresentada no andar de baixo, ela mereceu um tratamento especial, um embrião para recortes futuros. Daí a opção por uma expografia repleta de obras próximas umas das outras, sugerindo novos arranjos”, explica o curador Agnaldo Farias em seu texto curatorial.

Em *Retratos* convivem, no mesmo trainel, obras de Di Cavalcanti e de Rego Monteiro – e suas representações não tradicionais do povo brasileiro – ao lado de uma foto de Mario Cravo Neto, que mostra um rosto escondido por uma casca de tartaruga, além de obras de artistas como Lasar Segall e Paulo Nazareth, entre outros.

Paisagem, para citar outro núcleo, cruza pinturas de artistas como José Pancetti e Guignard, cujas obras destacam a relação com a natureza, e fotografias como as de Luiz Braga, contornadas pela geografia e pelos limites naturais das cenas registradas. O núcleo *Abstrações* percorre os anos de 1950, com artistas históricos como Hélio Oiticica, Lothar Charoux, Maria Leontina, Alfredo Volpi, Arthur Luiz Piza, Ivan Serpa e Mira Schendel, até trabalhos recentes.

Em um salto pelos variados núcleos, chega-se à *Produção Recente*, que segue na esteira do debate decolonial e de produções antes menosprezadas, cujos autores, atualmente, corrigem distorções na narrativa da história do Brasil. Entre eles e elas, estão: Rosana Paulino, Arjan Martins, Jaime Lauriano, Jaider Esbell, Denilson Baniwa, Carmézia Emiliano e o Movimento dos Artistas Huni Kuin (Coletivo MAHKU).

SERVIÇO

Espaço Milú Villela – Brasileira: Arte Moderna e Contemporânea – Brasil das múltiplas faces

Exposição de longa duração

Itaú Cultural – 7º andar

Avenida Paulista, 149, próximo à estação Brigadeiro do metrô, São Paulo / SP

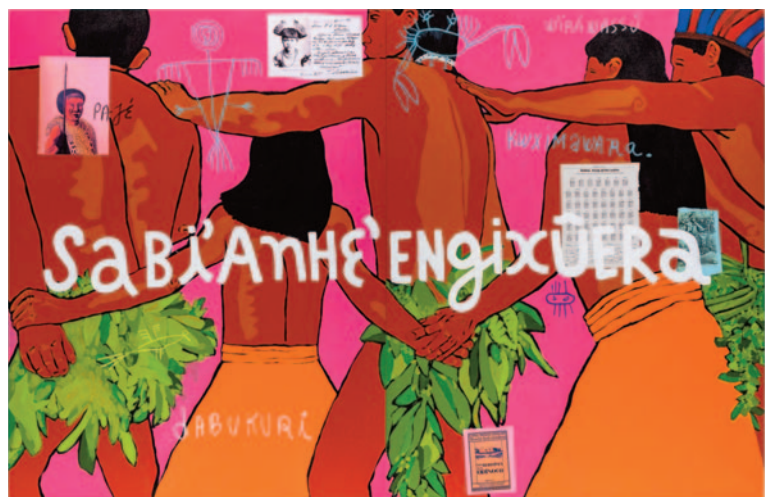
Tel.: (11) 2168-1777 / WhatsApp: (11) 96383-1663

E-mail: atendimento@itaucultural.org.br

Dias/Horários: de terça-feira a sábado, das 11h às 20h; domingos e feriados, das 11h às 19h

Entrada gratuita

www.itaucultural.org.br



Denilson Baniwa, *Canto do Sabiá*, 2024

Fotomontagem



Iberê Camargo, *Garrafas Santa Rosa*, 2024 Foto: Humberto Pimentel

A POTÊNCIA DA FOTOGRAFIA INDÍGENA

Edgar Kanaykô Xakriabá faz sua primeira
exposição individual em São Paulo



A exposição Hêmba reúne mais de uma década de produção visual do fotógrafo e antropólogo indígena, marcada pela ancestralidade, resistência e força poética



Hêmba – palavra que em Akwẽ significa alma e espírito – é o nome da primeira exposição individual de Edgar Kanaykô Xakriabá na capital paulista. A mostra gratuita ocupa três salas do Solar Fábio Prado, na Faria Lima, até 15 de dezembro – e apresenta um conjunto de imagens que atravessa o tempo e as fronteiras entre humano e não humano, visível e invisível, política e poética. A curadoria é de Fabiana Bruno e Eder Chiodetto.

O percurso expositivo está organizado em três núcleos: *Território*, *Cosmologia* e *Resistência*. Embora eles funcionem como eixos curatoriais, não pretendem isolar os temas. Ao contrário: o espaço foi con-

cebido como um corpo interligado, um organismo vivo que reflete o pensamento indígena sobre a inseparabilidade dos mundos.

Um dos trabalhos mais simbólicos, segundo Edgar, é a fotografia do pajé Vicente Xakriabá em canto e dança: *“Foi ele quem me conduziu com sua sabedoria a pensar os conceitos do Hêmba, da imagem, da alma. Essa fotografia é um instante de um gesto daqueles que fazem dançar as imagens dos mundos humanos e não humanos.”*

Edgar Xakriabá, que aprendeu a fotografar em sua própria aldeia, construiu um trabalho autoral que

funde arte, ancestralidade e ciência em uma prática visual que desafia os limites da linguagem fotográfica ocidental.

“A fotografia é um meio de luta para fazer ver, com outro olhar, aquilo que o povo indígena é”, afirma Edgar. Seu trabalho, que também é fundamentado por sua formação em Antropologia Visual, propõe uma revisão urgente da história da fotografia brasileira.

Grande parte das imagens apresentadas na exposição são oriundas do fotolivro *Hêmba*, publicado em 2023 pela Fotô Editorial, mas há também fotos inéditas. Os trabalhos do artista exibem emanções de um imaginário cósmico e territorial: sementes, troncos, céu, lua, estrelas, fogo, água, animais.

“São imagens que subvertem a função estrita do discurso. São sobreposições de memórias longínquas, alianças sagradas com a terra, a floresta, os astros e os corpos. É outra forma de existência”, afirma Fabiana Bruno.

A fotografia de Edgar funde o documental ao poético, o etnográfico ao experimental. *“Costumo dizer que não me prendo a um estilo justamente para não ficar limitado a ele. O estilo do meu trabalho é ‘estilo território’*”, explica o artista, cuja trajetória teve início há mais de dez anos. Suas imagens refletem os rituais, as paisagens e os deslocamentos da vida Xakriabá – o território é o eixo central de sua obra: *“A terra é mãe, e é da luta pela garantia do território que toda a cultura e cosmologia de um povo se sustenta. Sem território, os outros temas não podem coexistir”*, revela.



A exposição também propõe um mergulho sensorial ao visitante. *“O still, o movimento, a palavra, a imagem, os símbolos, a língua, os artefatos, tudo está integrado no projeto curatorial criando uma espécie de constelação pela qual as pessoas irão orbitar”,* revela Eder Chiodetto. *“A circularidade é uma marca do projeto. Edgar sempre nos lembra que os ciclos vitais acontecem em elipses.”*

Hêmba não apenas ocupa um território simbólico dentro da fotografia brasileira; ela o ressignifica. *“A exposição é uma forma de retomar e demarcar um*

território que historicamente foi negado, mas sempre foi dos povos indígenas”, afirma Edgar.

A mostra é realizada com recursos do ProAC Expresso Direto.

SERVIÇO

Hêmba – Edgar Kanaykô Xakriabá

Até 15 de dezembro

Solar Fábio Prado

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2705, Jardim Paulistano, São Paulo / SP

Dias/Horários: terça a domingo, das 10h às 18h

Entrada gratuita



Duas novas mostras movimentam a



Pedro Varela, *Ghosts*, 2025
Foto: Divulgação

Rosana Palazyan, *Rosa Daninha?*
Foto: Divulgação



APARIÇÃO, individual de Pedro Varela, reúne pinturas inéditas e uma instalação em papel, sinalizando uma virada na trajetória do artista, que deixa o universo digital para explorar os medos e fantasmas da identidade.

COSTURAR SENTIDOS apresenta obras têxteis e derivações da costura como eixo central de criação – o gesto de costurar como metáfora de identidade, memória e afeto. Participam Arthur Chaves, Dani Cavalier, Duda Moraes, Jeane Terra, Renato Bezerra de Mello, Rosana Palazyan e Yolanda Freyre.

Cecilia Fortes assina a curadoria das duas mostras

ENTRE SOMBRAS E SILÊNCIOS, PEDRO VARELA TRANSFORMA INQUIETAÇÕES EM IMAGENS NA INÉDITA “APARIÇÃO”



Aparição Angústia
Foto: Divulgação

dade que pulsa nas veias quanto o aspecto visceral e quase gore de uma subjetividade em crise.

SOBRE O ARTISTA

Pedro Varela (1981, Niterói, RJ) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Sua obra aborda questões relacionadas à paisagem, à representação e às narrativas visuais da contemporaneidade. Ao longo de sua trajetória, desen-

volveu uma linguagem singular que combina ironia, delicadeza e crítica cultural, articulando elementos do imaginário urbano e digital com referências à história da arte.

Participou de exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior, e tem obras em coleções públicas e privadas.

Formigueiro

Foto: Divulgação



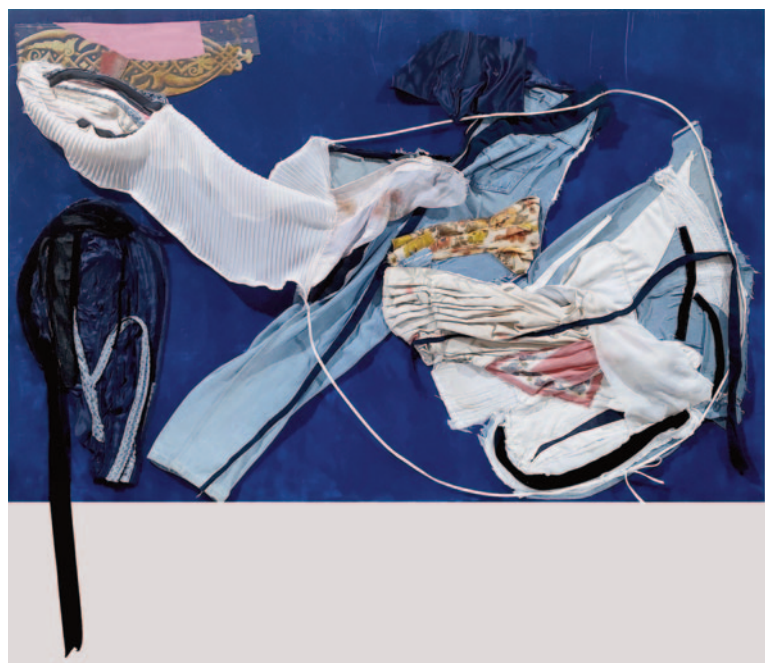
“COSTURAR SENTIDOS”, COLETIVA SOBRE A POÉTICA DA COSTURA

Bordado, tecido, pintura, colagem e poesia se entrelaçam em *Costurar Sentidos*, exposição coletiva sob a curadoria de Cecília Fortes. A mostra reúne obras têxteis e derivações da costura como eixo central de criação, explorando o gesto de costurar como metáfora de identidade, memória e afeto.

“São trabalhos permeados por motivos relacionados à construção e à afirmação de identidade, ao resgate de memórias afetivas e à resignificação de sentidos. Falam de questões sociais e temas sensíveis aos autores, ao mesmo tempo em que expressam as suas origens e o caminho percorrido ao longo da jornada pessoal e artística”, afirma Cecília Fortes.

Participam da exposição Arthur Chaves, Dani Cavalier, Duda Moraes, Jeane Terra, Renato Bezerra de Mello, Rosana Palazyan e Yolanda Freyre. A seleção, inicialmente orientada pela técnica, acabou revelando pontos de convergência poética entre as obras, que dialogam com o universo da costura e suas ressonâncias simbólicas.

Em colagens têxteis e instalações de grande escala, Arthur Chaves transforma roupas e tecidos em pintura e matéria narrativa, evocando lembranças de infância ligadas ao ateliê de costura de sua mãe. Dani Cavalier aproxima a tecelagem da pintura em suas “pinturas sólidas”, feitas de lycras tensionadas sobre chassis de



Obra de Arthur Chaves

Foto: Divulgação

madeira, em composições que revelam o processo de criação como uma trama aberta de tempo e gesto.

Radicada em Bordeaux, Duda Moraes apresenta a série *Textile*, produzida com tecidos de descarte de lojas de estofamento francesas. Em veludos e sedas de tons invernais, a artista cria jardins têxteis que costuram sua vivência entre o Brasil e a França.

Jeane Terra desenvolve autorretratos em “peles de tinta” costuradas, numa reflexão sobre identidade, ancestralidade e fragmentação da memória. Uma colcha de reta-



Duda Moraes, *Textile*, 2022

Foto: Divulgação



Obra de Jeane Terra

Foto: Divulgação

Ihos simbólica em que cada cor, chamada pela artista de “cor matriz”, carrega a gênese das demais.

Em *Lagoa-mãe*, Renato Bezerra de Mello borda o contorno da Lagoa Rodrigo de Freitas como possivelmente era no século XIX, evocando uma paisagem afetiva que, desde sua chegada ao Rio, tornou-se um ponto de equilíbrio e contemplação.

No *container*, no terraço da galeria, Rosana Palazyan exhibe o vídeo *Rosa Daninha?*, derivado de um livro-objeto bordado pela artista. A obra estabelece um paralelo entre plantas e pessoas

Renato Bezerra de Mello, *Lagoa-mãe*
Foto: Pat Kilgore



consideradas “daninhas”, propondo uma poética sobre exclusão, resistência e convivência.

Completando a mostra, Yolanda Freyre apresenta sua série de “*poemas em varal*”, escritos em aquarela e bordados sobre cambraia. Em versos delicados – como *Ave em arribação*, que fala de existência, finitude e renascimento – a artista transforma palavra e linha em matéria de afeto.

De acordo com a curadora, “*Costurar Sentidos*” propõe um encontro entre o gesto manual e a introspecção poética: um espaço onde o fio, o tempo e o afeto se entrelaçam na tessitura de novas narrativas visuais.

PERFORMANCE DE YOLANDA FREYRE

No dia 4 de novembro, às 18h, Yolanda Freyre realizará a performance “*Cambraias*”. Na ação, a artista visual

ativa sua mais recente série de trabalhos concebidos a partir de tecidos de cambraia, sobre os quais escreve e borda poemas – “*poemas em varal*”, como ela define. A performance propõe uma extensão poética dessas obras, criando um espaço ritualizado de leitura, gesto e presença.

SERVIÇO

Aparição, de Pedro Varela

Costurar Sentidos – Arthur Chaves, Dani Cavalier, Duda Moraes, Jeane Terra, Renato Bezerra de Mello, Rosana Palazyran e Yolanda Freyre

Até 22 de novembro

Anita Schwartz Galeria de Arte

R. José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea,
Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2540-6446 / (21) 99603-0435

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;
sábado, das 12h às 18h

www.anitaschwartz.com.br



Yolanda Freyre,
Poemas em Varal

Foto: Jaime Acioli



Jaime Lauriano:

*Eu estou aqui
com toda minha gente,
na Nara Roesler
Rio de Janeiro*

Jaime Lauriano é um dos artistas mais reconhecidos de sua geração, cuja obra discute a história do Brasil sob a perspectiva da população negra, apresenta obras inéditas e intimistas, que transitam das percepções subjetivas às marcadamente sociais e políticas, já conhecidas em seu trabalho

Autorretrato #1, 2025
Foto: Flávio Freire

Eu estou aqui com toda minha gente apresenta trabalhos inéditos e recentes do artista Jaime Lauriano (1985, São Paulo). O texto crítico é de Ademar Britto. No final de novembro, mês da Consciência Negra, será lançado, com a presença do artista, o livro *“Jaime Lauriano – Mapeamentos”* (Nara Roesler Books, 2025), publicação bilíngue (português/inglês), no formato de 17,5 x 24,5 cm, com capa dura e textos de Tadeu Chiarelli, Keyna Eleison e Sylvia Monasterios.

Na parede frontal do espaço maior do térreo da galeria, destacam-se quatro objetos da série *“Pencas”*, com esculturas de latão banhadas em cobre, penduradas em couro com argolas de latão, feitas este ano. As esculturas têm a forma de jatobás, búzios, um ogó de Exu, sinos, agogôs, quartinhas, alguidar, canecas, pemba, cachimbo e cabaça, elementos da ritualística do candomblé e da umbanda. O artista alude, neste trabalho, às joias de crioulas dos séculos XVIII e XIX, consideradas um patrimônio da Bahia e da cultura afro-brasileira – e que marcam a resistência negra contra o regime escravocrata, uma das manifestações artísticas afrodescendentes mais antigas no país.

MAPAS: DEMOCRACIA RACIAL, ÊXODO, GENOCÍDIO E INVASÃO

Os mapas, interesse recorrente na trajetória de Jaime Lauriano, estão presentes com a obra *“A new and accurate map of the world: democracia racial, êxodo, genocídio e invasão”* (2025), composta por dois desenhos realizados em pemba branca – giz branco usado em terreiros de candomblé – e lápis dermatográfico sobre algodão preto; cada mapa mede 150 x 170 cm.



Penca #2
e
Penca #3,
2025
Fotos:
Flavio Freire

A série de trabalhos *“Democracia racial, êxodo, genocídio e invasão”* recria, a partir das ilustrações de mapas e de cartas náuticas, uma das cenas mais emblemáticas da história recente da humanidade: as navegações e o “descobrimento do novo mundo”.

A escultura de parede *“Autorretrato”* (2025), constituída por uma grade de ferro e materiais diversos, foi pensada como um espaço para se meditar sobre a diáspora africana – e busca costurar o passado e o presente, a história social e a subjetividade. Com 85 x 35 cm, a obra tem a exata medida da coluna vertebral de Jaime Lauriano, do pescoço ao cóccix. Objetos pendurados na escultura evocam a estética das memórias da infância do artista nos bairros periféricos paulistanos.



A new and accurat map of the world: democracia racial, êxodo, genocídio e invasão, 2025

Foto: Flavio Freire

A pintura “Entradas em Minas Gerais” (2025) parte da pesquisa que Jaime Lauriano desenvolve desde 2022, dedicada à revisão crítica de pinturas históricas que moldaram a memória oficial do país. Ao revisitar imagens acadêmicas produzidas entre o final do século XIX e o início do século XX, o artista percebeu que a colonização foi “*consistentemente apresentada de forma idealizada, transformada em um gesto heroico e civilizador*”, ao passo que “*as presenças, resistências e experiências de violência afro-indígenas foram sistematicamente silenciadas*”.

“Meu interesse reside em questionar essa operação, dismantlar sua lógica celebratória e transformar a pintura histórica em um contramonumento: não mais um local de consagração, mas um campo de disputa,

atrito e reflexão” – diz. Lauriano “esvazia” a pintura de seus personagens, deixando apenas a paisagem. E, sobre essa superfície despovoada, aplica uma profusão de adesivos que evocam tanto a violência colonial quanto a resistência afro-indígena. Aliás, sobre a própria moldura, o artista ainda instala figuras em miniatura que encenam uma batalha entre soldados coloniais e entidades da religiosidade afro-brasileira, como Zé Pelintra.

HOMENAGEM A HEITOR DOS PRAZERES

A única obra da exposição já mostrada ao público – “Na Bahia é São Jorge, no Rio São Sebastião” (série “Recanto”) – foi criada para a exposição “Aqui é o fim do mundo”, em 2023, panorâmica dos 15 anos da trajetória de Jaime Lauriano, apresentada nas comemo-

rações dos 10 anos do Museu de Arte do Rio (MAR). Feita com tinta acrílica, adesivos, miniaturas em chumbo e estampas sobre mdf, é “a paisagem da janela” de Heitor dos Prazeres (1898-1966), grande pintor carioca e um dos pioneiros na composição de sambas.

OBRAS INTIMISTAS

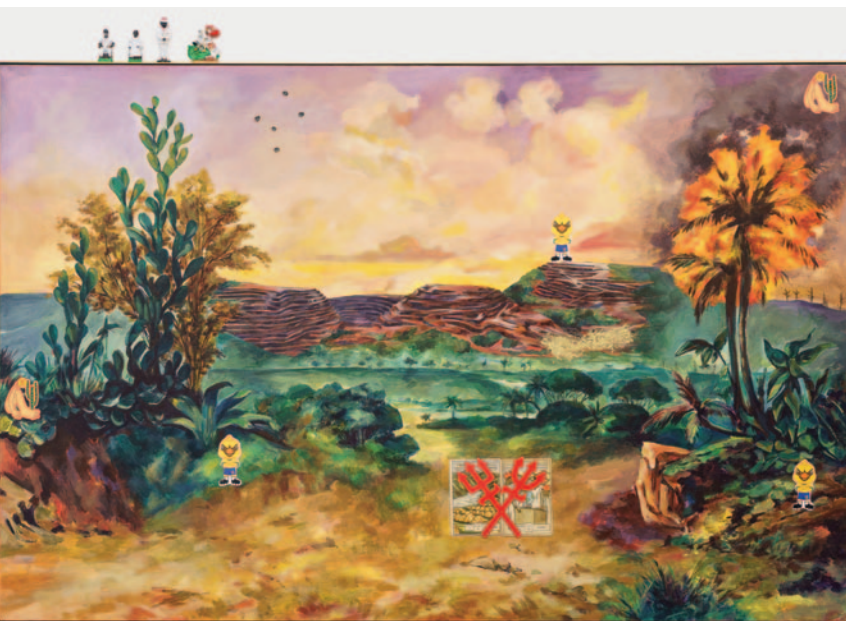
Ao fundo do térreo da galeria Nara Roesler Rio de Janeiro, sob a claraboia, Jaime Lauriano mostra obras intimistas, como as sete da série “o sobrado de mamãe é debaixo d’água”, criadas no período recente em que buscou ficar mais recolhido, reflexivo, devido às limitações impostas por uma hérnia na coluna cervical. A partir de uma fotografia que fez do final da praia de Copacabana, em 2023, o artista criou uma série de paisagens que representam diferentes estágios da luz, do momento que antecede a aurora à meia-noite. O céu é feito de fita autoadesiva reflexiva, nas cores cinza, dourada, prateada e preta; e, o mar, de tinta acrílica.

“O mar do Rio de Janeiro surge não apenas como cenário, mas como ponto de partida conceitual. A escolha de me debruçar sobre suas águas está ligada à estreia desta série na minha exposição individual na cidade – mas, sobretudo, à minha fascinação pela complexa história que as águas transatlânticas carregam. Elas são testemunhas de um passado de violência e sofrimento colonial, mas também são as rotas que trouxeram as ricas heranças africanas que, ao longo do tempo, moldaram profundamente a cultura e a identidade do Brasil” – conta.

Na parede em frente às paisagens, estão duas pinturas que homenageiam Abdias do Nascimento (1914-2011): “Sem título” (“senhor da noite e do dia”) e “Sem título”, ambas de 2025, feitas com tinta acrílica e fitas autoadesivas sobre algodão.

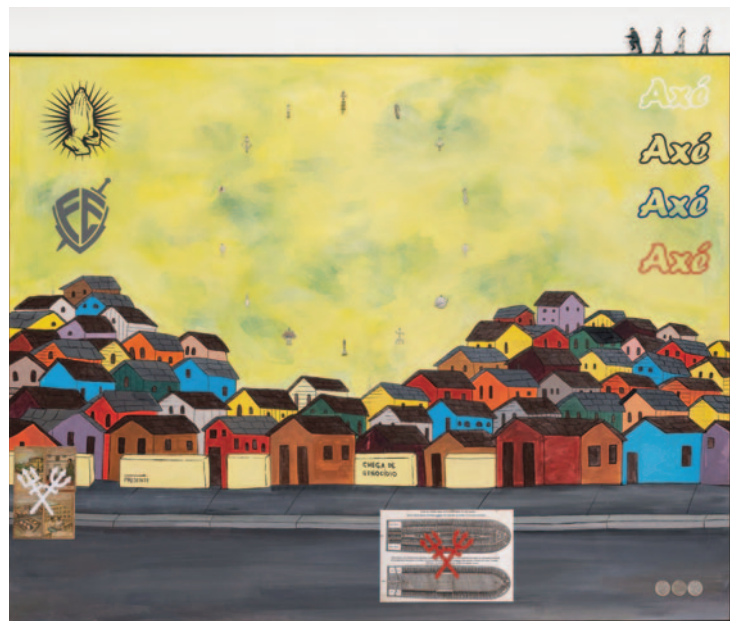
Entradas em Minas Gerais, 2025

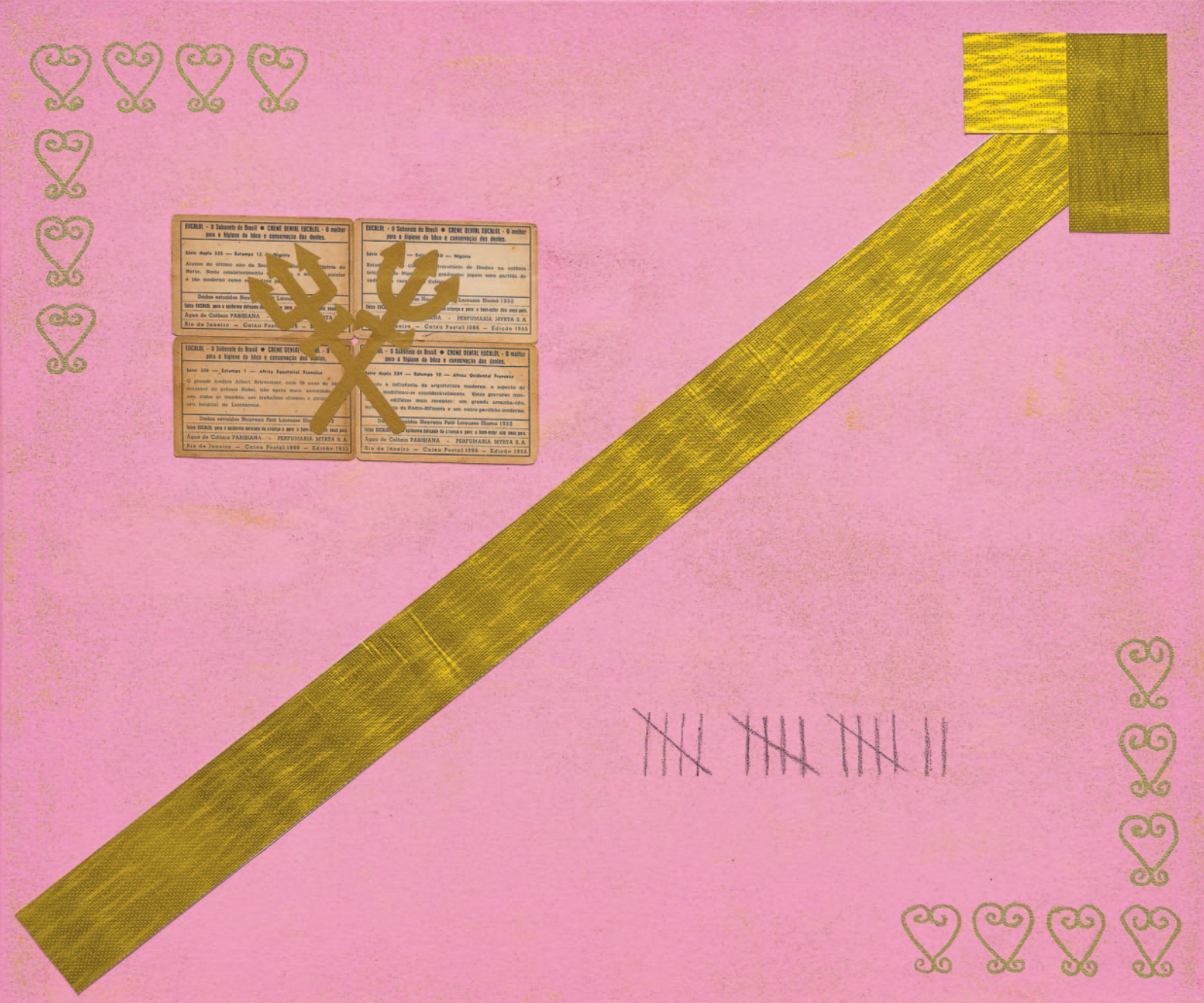
Foto: Flavio Freire



Na Bahia é São Jorge, no Rio São Sebastião, série Recanto, 2023

Foto: Flavio Freire





Sem título, 2025

Foto: Flavio Freire

SOBRE JAIME LAURIANO

Por meio de vídeos, instalações, objetos e textos, Jaime Lauriano (1985, São Paulo) revisita os símbolos, imagens e mitos formadores do imaginário da sociedade brasileira – e os tensiona a partir de proposições críticas capazes de revelar de que maneira as estruturas coloniais do passado reverberam na necropolítica contem-

porânea. Lauriano aborda as formas de violência cotidiana que perpassam a história brasileira desde sua invasão pelos portugueses; e concentra-se, com especial perversidade, em indivíduos racializados – e no papel fundamental das religiões de matriz africana para que aquelas pessoas se relacionassem com seu território ancestral.



Sem título #1, série O sobrado de mamãe é debaixo d'água, 2025

Foto: Flavio Freire

Jaime Lauriano vive e trabalha em São Paulo. Em sua trajetória, realizou dezenas de exposições individuais, tanto no Brasil como nos EUA e em Portugal, entre as quais *Why don't you Know About Western Remains?* na Nara Roesler (2024), em Nova York, Estados Unidos; *Aqui é o Fim do Mundo*, no Museu de Arte do Rio (MAR, 2023), no Rio de Janeiro, Brasil; *Paraíso da miragem*, em colaboração com Silêncio Coletivo, na Kubik Gallery (2022), na cidade do Porto, Portugal; *Nessa terra, em se plantando, tudo dá*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ/2015), no Rio de Janeiro, Brasil; e *Impedimento*, no Centro Cultural São Paulo (CCSP/2014), em São Paulo, Brasil. Lauriano apresentou trabalhos na El Dorado: Myths of Gold, no Americas Society, Nova York, EUA (2023); no 37º Panorama da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil (2022); e na 11ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2018).

Jaime Lauriano é o autor das obras inscritas nas pedras portuguesas da entrada do Museu de Arte do Rio (MAR), criada em 2023, com os nomes das doze regiões da África que forneceram, por meio de ações violentas, a mão-de-obra escravizada trazida ao Brasil; e a frase “A história do negro é uma felicidade guerreira” (2018), um verso da música “Zumbi, a felicidade guerreira” (1984), de Gilberto Gil e Wally Salomão, composta para o filme “Quilombo”, de Cacá Diegues.

O título da exposição na Nara Roesler Rio de Janeiro, “Eu estou aqui com toda minha gente”, é retirado da música “A Força da Jurema”, de Mateus Aleluia, Dadi-

nho e Heraldo, gravada em 1973 pelo grupo Os Tincoãs, que remete à ideia de cura, aos orixás e faz uma homenagem a Oxum.

SERVIÇO

Jaime Lauriano – Eu estou aqui com toda minha gente

Até janeiro de 2026

Nara Roesler

Rua Redentor, 241, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3591-0052

info@nararoesler.art

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 18h;

sábado, das 11h às 15h

Entrada gratuita

<https://nararoesler.art/>



Sem título
(Senhor da noite e do dia), 2025

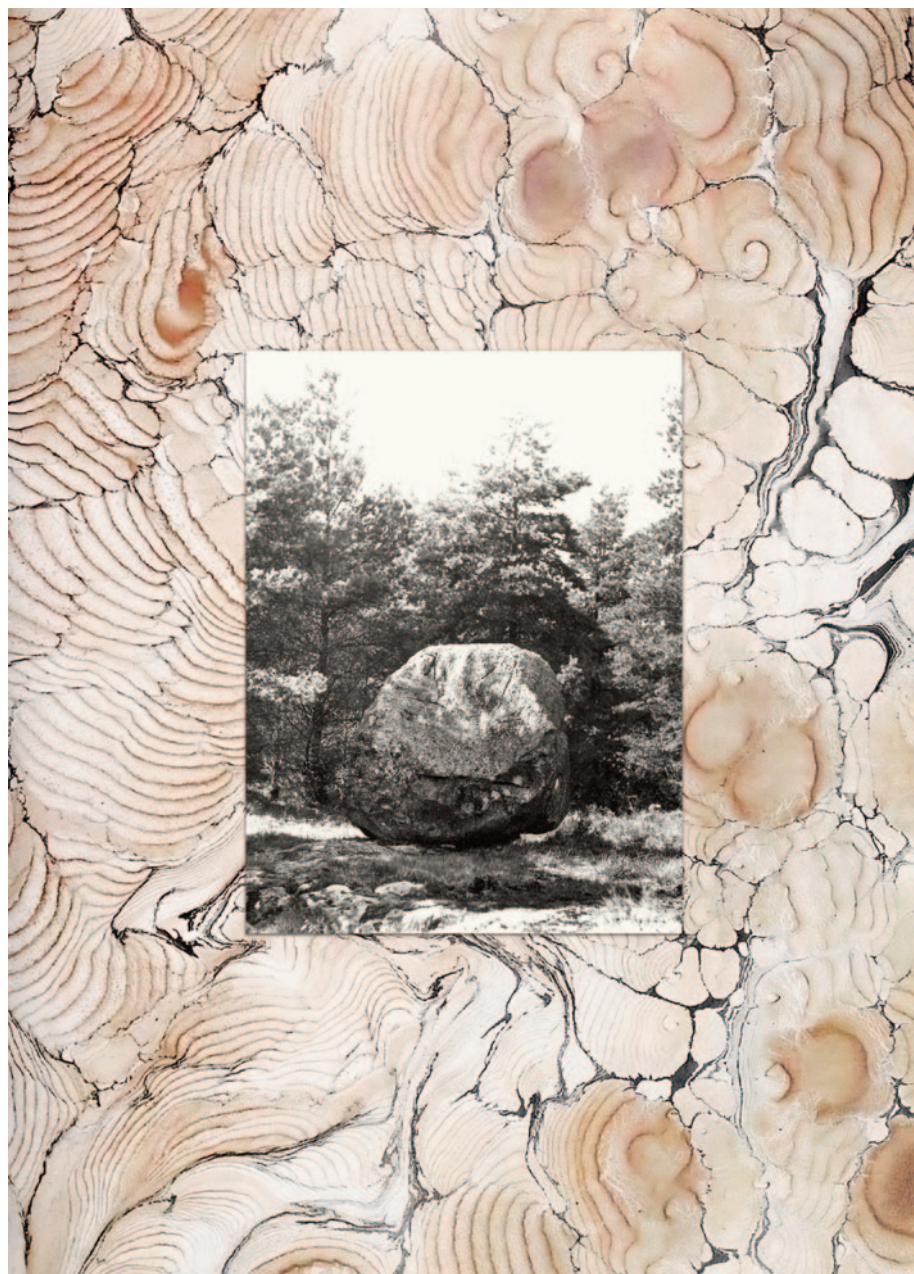
Foto:
Flavio Freire



Carlos
Garaicoa,
Nidos, 2025
Foto:
Oak Taylor-Smith

Almeida & Dale apresenta, em SP,
programação internacional com artistas
do Peru, Cuba, Índia, Bangladesh e Tanzânia

*Três exposições simultâneas ocupam os espaços da galeria em diálogos sobre tempo,
paisagem e memória: são duas individuais de Elena Damiani e Carlos Garaicoa,
além de uma coletiva com artistas do Sul Global*



The Erratic Marbles XIV (detalhe), 2024

Foto: Divulgação

Primeira exposição individual da artista peruana na Almeida & Dale, *As formas interiores* (*The Shapes Within*) apresenta séries inéditas e recentes em que Elena Damiani retoma seus principais eixos de pes-

ELENA DAMIANI: AS FORMAS INTERIORES (THE SHAPES WITHIN)

quisa – a geologia, a arqueologia e a cartografia – para investigar como o tempo e a matéria constroem a paisagem. A artista trabalha com materiais como travertino, mármore e duralumínio, para criar composições que evocam aspectos da geologia, da arqueologia e da cartografia.

Marcada pela linguagem arquitetônica de grandes mestres, Elena Damiani passou a se interessar pela paisagem ao estudar as obras do japonês Tadao Ando (1941), do mexicano Luis Barragán (1902-1988) e do italiano Carlo Scarpa (1906-1978) – três nomes que igualmente exploraram a relação harmônica entre ambiente e história. Elena Dami-

ani acaba de conquistar ainda mais projeção internacional, ao participar da Trienal de Aichi 2025, sob direção artística de Hoor Al Qasimi, inaugurada em setembro em Nagoya, Japão.

CARLOS GARAICOA: DUPLA EXPOSIÇÃO (DOUBLE EXPOSURE)

Em parceria com a Galleria Continua, a mostra *Dupla Exposição*, individual de Carlos Garaicoa, traz uma seleção de obras recentes e de séries icônicas da trajetória do artista cubano. Conhecido por examinar as relações entre arquitetura, urbanismo e ideologia, Garaicoa parte de imagens de ruínas e edifícios de Havana para discutir permanência e transformação, memória e espaço urbano.

A mostra apresenta trabalhos recentes de 2025, como as fotografias impressas sobre gesso e outros suportes, nas quais a natureza aparece como força subversiva, que corrói e reconfigura a arquitetura. Na série *Puzzles*, com fotografias eletrostáticas produzidas em 2024, o artista amplia esse interesse pela reconstrução, ao recompor fragmentos de prédios desaparecidos por meio de linhas, pregos e montagens que remetem à memória urbana e à fragilidade das utopias modernas.

La regla de oro, 2013

Foto: Oak Taylor-Smith



De cima para
baixo:
 τ (Tau), da série
 $\pi=3,1416$, 2024;

Perro negro,
da série *Puzzles*,
2024

Fotos:
Oak Taylor-Smith



AFINIDADES MATERIAIS E SONHOS TROPICAIS (MATERIAL AFFINITIES AND TROPICAL DREAMS)

A coletiva *Afinidades Materiais e Sonhos Tropicais*, com curadoria de Mario D'Souza, diretor de programação e exposições da *Kochi Biennale Foundation*, reúne obras de quatro artistas do Sul Global: Anwar Jalal Shemza (1928, Simla, Índia - 1985, Stafford, Inglaterra), Ayesha Sultana (1984, Jashore, Bangladesh), Balraj Khanna (1940, Punjab, Índia - 2024, Londres, Inglaterra) e Lubna Chowdhary (1964, Dodoma, Tanzânia).

Partindo das antigas rotas marítimas que ligaram Europa, Brasil e Índia, a mostra apresenta um conjunto inédito de trabalhos que investigam a relação entre forma e materialidade, refletindo sobre a produção artística de origem sul-asiática a partir de um olhar pós-colonial.

Na exposição, os artistas trabalham identidade e pertencimento por meio de experimentações com linguagem, cor e textura.

SERVIÇO

Até 10 de janeiro de 2026

Almeida & Dale

As formas interiores (*The Shapes Within*) – Elena Damiani
***Afinidades Materiais e Sonhos Tropicais (Material Affinities and Tropical Dreams)* – Anwar Jalal Shemza, Ayesha Sultana, Balraj Khanna e Lubna Chowdhary**

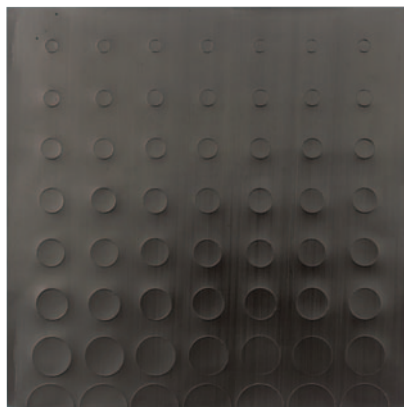
Rua Fradique Coutinho, 1360, São Paulo / SP

Dupla Exposição (*Double Exposure*) – Carlos Garaicoa

Rua Fradique Coutinho, 1430, São Paulo / SP

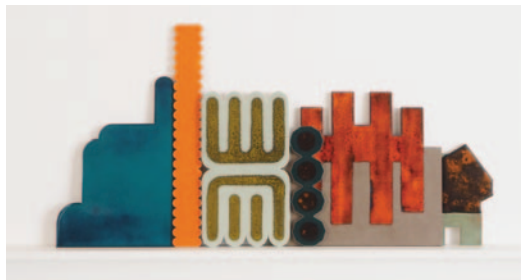
Dias/Horários: segunda a sexta-feira, das 10h às 19h;
sábado, das 11h às 16h

Entrada gratuita | <https://almeidaedale.com.br/>



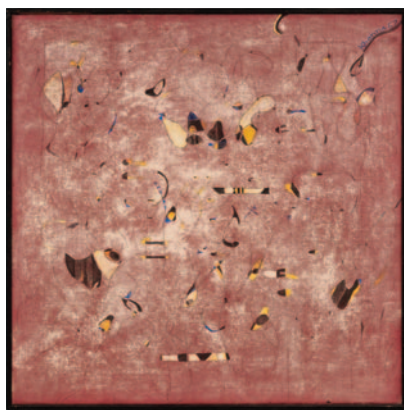
Ayesha Sultana,
Sem título,
2023

Foto:
Filipe Berndt



Lubna Chowdhary, *Certain Times LIX*, 2021

Foto: Cortesia do artista e da Jhaveri Contemporary



Balraj Khanna,
One morning in Metz, 1980

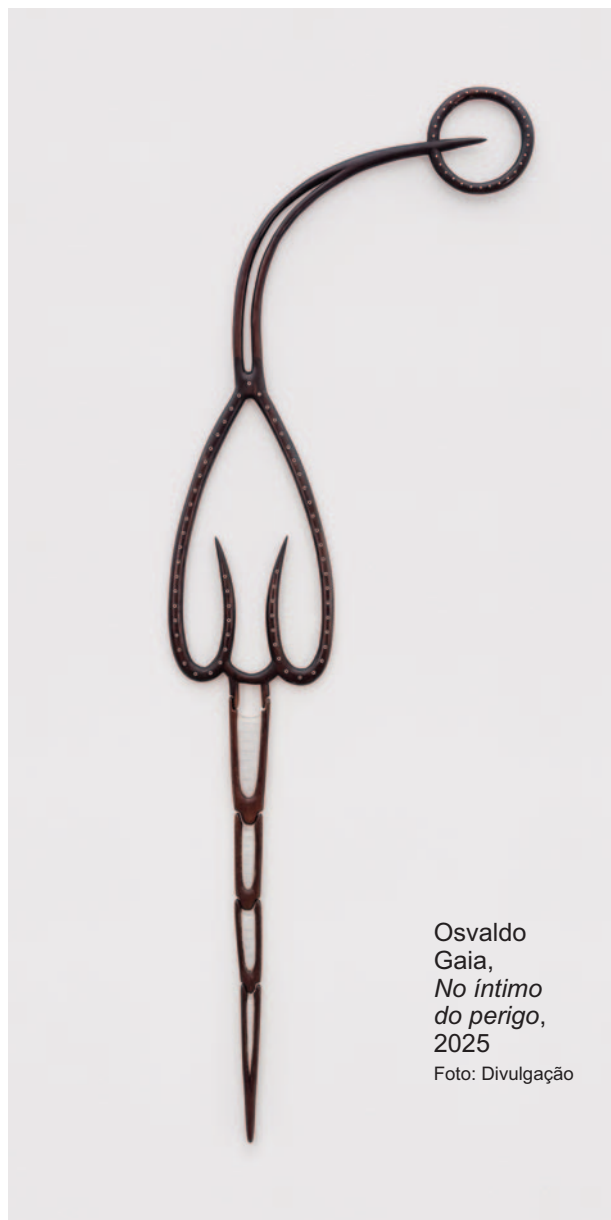
Foto:
Cortesia do espólio
de Balraj Khanna
e da Jhaveri
Contemporary



Anwar Jalal Shemza

Foto: Stan Narten

"Para não dizer que não falei das flores",
de MARCOS ROBERTO, e
"Arquiteturas da Água", de OSVALDO GAIA,
na Galeria Lume, SP



"PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES", DE MARCOS ROBERTO

Em *"Para não dizer que não falei das flores"*, como parte do *Projeto Alumiar*, Marcos Roberto transforma o ferro e a ferrugem em matérias de resistência. Ex-metalúrgico, o artista recolhe restos industriais, fragmentos de portões, ferramentas e cercas – resíduos de um país moldado pela extração e pela desigualdade – e os faz brotar novamente, convertendo o aço em seiva. Suas esculturas e instalações nascem da fricção entre trabalho, terra e memória, operando uma inversão poética: o gesto que antes sustentava a máquina agora cultiva a vida.

A exposição reflete sobre o corpo operário como campo de batalha da modernidade – o corpo que sustenta, carrega e é corroído pela lógica da produção. Nas obras de Marcos, esse corpo retorna à cena não como instrumento, mas como força criadora. O ferro que sangra também germina; o facão, símbolo de corte e luta, se quebra em folhas e raízes. O artista propõe uma pedagogia silenciosa, onde o gesto de soldar e torcer o metal se torna modo de reescrever o tempo e o território.

As obras tensionam as relações entre progresso e violência, denunciando as permanências coloniais que seguem estruturando o país. Suas obras evocam a herança do cativo, o ciclo do trabalho e a terra transformada em negócio, revelando que a promessa de modernidade ainda repousa sobre bases desiguais.

Entre o ferro e a flor, o gesto de Marcos Roberto é tanto denúncia quanto esperança. Sua prática é uma pedagogia do cuidado, em que o trabalho manual reaproxima o humano da matéria e devolve à arte a capacidade de imaginar futuro.



Brazil com Z, 2025

Foto: Felipe Brendt

SOBRE O ARTISTA

Marcos Roberto é um artista visual autodidata e operário de Bauru, São Paulo. Sua prática artística explora a materialidade industrial, utilizando metal e outros materiais como base para suas pinturas. O contraste entre a superfície rígida e fria do metal e as cores vibrantes e formas aplicadas por ele cria uma tensão dinâmica, que reflete a dualidade entre a solidez dos materiais e a fluidez de sua expressão artística.

Inspirado por sua experiência como operário, Marcos aborda em seu trabalho questões de violência, assim como a desigualdade e a mercantilização da vida cotidiana. Suas obras retratam as histórias dos trabalhadores e o impacto do sistema econômico sobre suas vidas. Além disso, o artista aborda a desumanização do trabalho e a exploração da classe trabalhadora, ressaltando a importância do conhecimento da história para questionar e desafiar essas estruturas. Suas criações funcionam como um ato de resistência, promovendo a conscientização e a necessidade de mudanças sociais.

Em 2013, Marcos largou o trabalho em Bauru e mudou-se para São Paulo para estudar Artes Visuais; mas retornou ao interior em 2017, após uma enchente alagar

sua casa. Entre 2018 e 2020, trabalhou em uma fábrica de placas de trânsito, onde encontrou sua primeira matéria-prima para pintar. Desde então, Marcos se dedica integralmente à arte, utilizando materiais industriais, como o metal, para explorar temas sociais e políticos.

SOBRE O PROJETO ALUMIAR

Criado pela Galeria Lume, o *Projeto Alumiar* tem como propósito ampliar o alcance de práticas artísticas comprometidas com transformação social, diversidade e escuta. A iniciativa propõe diálogos entre artistas e curadores convidados, com atenção especial a trajetórias que emergem de contextos coletivos, pedagógicos e experimentais, expandindo o espaço da arte para além da galeria.

"ARQUITETURAS DA AGUÁ", DE OSVALDO GAIA

Foto: Felipe Brendt



Em *“Arquiteturas da Aguá”*, Osvaldo Gaia transforma a escuta da água em matéria escultórica. Inspirado na convivência com mestres curralistas da região amazônica – artesãos e arquitetos da água que constroem engenhos de pesca guiados pelas marés – o artista propõe uma travessia entre técnica, corpo e paisagem. Suas esculturas, feitas de madeira de demolição, linha e chumbo, prolongam uma sabedoria ribeirinha ancestral, na qual o gesto de construir é também o gesto de escutar. O texto curatorial é de Ariana Nuala.

No centro da exposição, cinco obras se articulam como um labirinto aquático – e convidam o visitante a mover-se pelo corpo, e não apenas pelo olhar. As estruturas de Gaia evocam o ritmo do rio e o peso da corrente, revelando a inteligência dos materiais e a força dos gestos que moldam a matéria. Cada escultura nasce da atenção e do tempo, da convivência com a madeira e da observação do trabalho manual como forma de pensamento.

Para o artista, a ferramenta não é instrumento, mas extensão do corpo. Em seu fazer, a precisão técnica se converte em escuta: o nó da linha, o peso do chumbo, o som da madeira, são registros de uma relação ética entre o humano e o ambiente. *“No bater da minha estaca, eu fortaleço minha estrutura”*, diz Gaia – frase que condensa sua reverência ao fazer manual como modo de aprender com a terra e com a água.

Ao evocar o universo das armadilhas e dos engenhos, Gaia reflete sobre como o conhecimento é produzido e transmitido – e sobre quais corpos são autorizados a produzi-lo. Suas esculturas não reconstituem tradições, mas reativam epistemologias ribeirinhas, modos de saber que pensam com as mãos, com o som e com o fluxo. *“Labirintos Molhados”* é, assim, uma celebração das técnicas ancestrais e da sabedoria das águas: uma pedagogia do fazer, que nos ensina a nos conduzirmos pelo que flui.

SOBRE O ARTISTA

Osvaldo Gaia, Belém, Pará, 1961.

Osvaldo Gaia é escultor e pintor. Sua formação artística foi se constituindo através de pesquisas e de experi-

mentações dentro do universo amazônico, com elementos que se identificam como estruturas escultóricas, porém num escopo abrangente e perceptível da forma, em relevos, texturas e transparências.

Detém-se conceitualmente em questões sociais, arquitetônicas, econômicas e relacionadas a fluxos, origens, identidades e ferramentas ligadas à vida ribeirinha, de onde tira sua inspiração. Sua produção tem forte recorte orgânico, porém de extremo rigor construtivista e grande teor simbólico.

O artista expõe desde 1975 e vem participando de mostras coletivas e individuais no Brasil e no exterior; sua produção artística abrange desde pequenos objetos a instalações e intervenções urbanas.

SERVIÇO

“Para não dizer que não falei das flores”, de Marcos Roberto
“Arquiteturas da Água”, de Osvaldo Gaia
Até 22 de novembro



Galeria Lume
Rua Gumerindo
Saraiva, 54, Jardim
Europa, São Paulo / SP
Tel.: (11) 4883-0351 |
WhatsApp:
(11) 93281-3346
E-mail: contato@galeria-lume.com
Dias/Horários: segunda
a sexta, das 10h às 19h;
sábados, das 11h às 15h
Entrada gratuita

Imirô, 2025

Foto: Felipe Brendt



Luiz Badia, *Diálogos dos Opostos*, 2021

Foto: Divulgação

“ATEMPORAL – COMO SE FOSSE A PRIMEIRA VEZ”

Exposição coletiva com curadoria de Osvaldo Carvalho ocupa a Sala Antonio Berni, do Consulado Geral da Argentina no Rio de Janeiro, a partir do dia 5 de novembro

Pensadores como Santo Agostinho, Kant, Sartre, Einstein e Hans Belting foram fonte de inspiração para a exposição, que propõe uma reflexão poética e filosófica sobre a natureza do tempo e sua presença nas artes visuais contemporâneas.

A mostra reúne 33 artistas que exploram diferentes possibilidades de compreensão de um tempo não linear, mas cíclico – em diálogo com temas como identidade, corpo, território, meio ambiente, ancestralidade, silêncio, deslocamento e pertencimento. As obras refletem sobre singularidades culturais e potencialidades poéticas, ao evocar *“o tempo que não corre de balde, nem passa inutilmente sobre nossos sentidos”*, no dizer de Santo Agostinho, e se expande em espiral, interligando passado, presente e futuro, conforme os ensinamentos da própria natureza, ao mostrar que os acontecimentos se repetem, se renovam e se transformam em novas circunstâncias.

Participam da mostra os artistas: Ana Herter, Ana Pose, Carmen Givoni, Chris Jorge, Cris Cabus, Dorys Daher, Edson Landim, Eliana Tavares, Heloisa Alvim, Heloisa Madruga, Jabim Nunes, Jorge Cupim, Laura Bonfá Burnier, Laura Figueiredo-Brandt, Leila Bokel, Leo Stuckert, Lígia Teixeira, Luís Teixeira, Luiz Badia, Luiz Bhering, Marcelo Rezende, Márcia Clayton, Mario Coutinho, Mario Camargo, Osvaldo Carvalho, Osvaldo Gaia, Priscilla Ramos, Raquel Saliba, Regina Hornung, Robson Mac3Do, Rosi Baetas, Sandra Gonçalves e Sandra Schechtman.

O QUE FOI AINDA É, E REVERBERARÁ

Os trabalhos selecionados abordam temas como identidade, corpo, território, ancestralidade, meio ambiente, silêncio, deslocamento e pertencimento, estabelecendo um diálogo sensível entre memória e atualidade. São obras que ultrapassam seu contexto histórico, ao preservar força estética e simbólica ao longo

Obra de Ana Herter

Foto: Divulgação



Obra de Edson Landim

Foto: Divulgação



do tempo, ao se comunicarem com diferentes gerações e sensibilidades.

“O projeto parte da premissa de que o tempo, mais do que uma sequência cronológica, constitui uma dimensão de expansão e retorno – um campo em espiral onde passado, presente e futuro se entrelaçam continuamente. Nesse percurso, Atemporal questiona a própria História da Arte, ao ecoar o pensamento de Hans Belting, que situa o museu de arte contemporânea como um espaço de disputas entre o passado e o porvir, onde se apresenta não apenas a arte de hoje, mas também as ideias que moldam nossa compreensão histórica” – afirma o curador Osvaldo Carvalho.

Atemporal parte do princípio de que a arte tem o poder de transmitir emoções, provocar o espectador e nele

ressoar profundamente – independentemente da época em que foi concebida. Ao tratar de temáticas e sentimentos humanos universais, reafirma o caráter duradouro e transformador da criação artística. Sua mensagem não se deixa afetar pela passagem dos anos: permanece viva, inspirando e sensibilizando o público. A cada novo encontro, renovam-se o olhar e a experiência – como se fosse a primeira vez.

SERVIÇO

“Atemporal – como se fosse a primeira vez”

Abertura: 5 de novembro, das 17h às 20h30

Visitação: até 28 de janeiro de 2026

Consulado Geral da Argentina no Rio de Janeiro

Sala Antonio Berni

Praia de Botafogo, 228, 2º andar, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de segunda a sexta, das 10h às 16h (exceto feriados)

Entrada gratuita

Luiz Teixeira, *Série Ciclos*

Foto: Divulgação



Obra de Raquel Saliba

Foto: Divulgação



“CRIATURAS”, de Caio Marcolini, na Cassia Bomeny Galeria, RJ

*Entre o artesanal e o escultórico,
o artista cria estruturas metálicas
e tece um universo sensível
que une técnica, tempo e gesto.
Peças construídas com fios de latão
evocam sistemas vivos, rizomas
e organismos em constante mutação*

A Cassia Bomeny Galeria inaugura, no dia 6 de novembro, às 18h, a exposição *Criaturas*, do artista visual Caio Marcolini, que vive e trabalha entre o Rio de Janeiro e o Porto, em Portugal. Com curadoria de Marcos Lontra, a mostra reúne dez obras inéditas de três séries distintas – “Sistemas”, “Híbridos” e “Colônia” (todas de 2025) – e apresenta o recente desdobramento da pesquisa do artista, que há mais de uma década transforma fios metá-

Série *Colônia*, 2025
Foto: Júlio Riccó

licos em estruturas tridimensionais de sutileza formal e complexidade técnica.

Entre o artesanal e o escultórico, o trabalho de Marcolini nasce de um gesto repetitivo e meditativo – um tecer contínuo que se aproxima tanto da ourivesaria quanto da arte têxtil. As peças, construídas a partir de fios de latão tramados e trançados manualmente, evocam sistemas vivos, rizomas e organismos em constante mutação. *“Os fios metálicos desenhavam linhas no espaço e formam criaturas que parecem respirar diante de nós”*, observa o curador Marcos Lontra, para quem a poética do artista está alicerçada em *“equilíbrio, tensão e sensualidade”*, atributos que unem rigor técnico e delicadeza.

A investigação de Marcolini se manifesta nas três séries apresentadas, em que ele aprofunda o diálogo entre forma e matéria, ao criar esculturas que parecem crescer organicamente, como se obedecessem a uma lógica interna. São obras que se fecham sobre si mesmas, formando circuitos autônomos, ou que se expandem em *“colônias”* – conjuntos que podem se agrupar ou existir de modo independente. Cada peça carrega o traço do tempo e do corpo, em um processo que o artista descreve como *“um fazer puro, intuitivo e contínuo”*.

“Meu trabalho é um híbrido entre a trama do crochê e do tricô, mas feito em metal. É como se cada célula pudesse se multiplicar em novas formas. Tudo é manual, cada fio é tecido à mão – e o trabalho vai se transformando no próprio ato de fazê-lo”, afirma o artista.



Série Híbridos, 2025

Foto: Júlio Riccó

A dimensão orgânica e processual das obras também está associada à biografia de Marcolini – à memória de sua mãe, artesã, e às experiências do corpo e da vida. *“As ferramentas e as tramas nasceram desse vínculo com o fazer manual, com o corpo presente”*, diz. Essa relação íntima entre matéria e gesto atravessa toda sua trajetória, desde os anos de formação em joalheria e design industrial até o desenvolvimento de uma técnica própria – que desafia limites entre arte, design e ofício.

Num tempo em que fronteiras disciplinares se diluem, a produção de Caio Marcolini propõe um território de

síntese entre arte e vida. Suas esculturas não se impõem pela monumentalidade, mas pela vibração silenciosa que pulsa em cada trama. Como observa Lontra, *“há uma organicidade que nos remete ao mistério da criação: ao ato de tecer o mundo com as próprias mãos”*.

SOBRE O ARTISTA

Caio Marcolini (1985, Niterói, RJ) vive e trabalha entre o Rio de Janeiro e o Porto, Portugal.

Graduado em Desenho Industrial pela UFRJ (2012) e técnico em Ourivesaria pelo SENAI (2007), o artista desenvolveu, ao longo da carreira, uma prática que entrelaça design, arte e artesanato. Estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, sob a orientação de Anna Bella Geiger, Fernando Cocchiarale, Franz Manata, Bruno Miguel e Charles Watson.

Sua trajetória inclui individuais em instituições e feiras internacionais, como a Galeria Lica Pedrosa (São Paulo, 2025), a Gallery Nosco (Bruxelas, 2024), e o Palácio Gama Lobo (Loulé, Portugal, 2024), além de participações na 1-54 Contemporary African Art Fair (Nova York, 2023; Marrakech, 2025) e na SP-Arte Rotas Brasileiras (São Paulo, 2022). É representado por galerias no Brasil e na Europa, como a Gallery Nosco (Bélgica) e a Reiners Contemporary (Espanha).

SERVIÇO

“Criaturas”, de Caio Marcolini

Abertura: 6 de novembro, às 18h

Até 18 de dezembro

Cassia Bomeny Galeria

Rua Garcia D’Ávila, 196, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sexta, das 11h às 19h;

sábados, das 11h às 15h | Entrada gratuita

<https://cassiabomeny.com.br/>

Série *Sistemas*, 2025

Foto: Júlio Riccó



TARSILA, PORTINARI E VOLPI EM FLORIANÓPOLIS: MOSTRA REÚNE 29 ÍCONES DA ARTE BRASILEIRA



Candido Portinari, *Tempestade*, 1943

Foto: Jeferson Hoffmann

*Exposição "Visões do Brasil" ocupa a Casa Hurbana Bocaiúva
e leva ao público obras de grandes mestres fora do eixo Rio-São Paulo*



Tarsila do Amaral, *Gado em descanso*, 1947

Foto: Divulgação

Não é em São Paulo nem no Rio de Janeiro. Até dezembro, quem quiser ver de perto obras de grandes nomes da arte brasileira pode ir ao centro de Florianópolis, e sem pagar ingresso. A exposição *Visões do Brasil*, com curadoria de Max Perlingeiro, da Pinakothek Cultural – galeria fundada no Rio de Janeiro na década de 1970 e referência nacional na preservação da arte brasileira – ocupa a Casa Hurbana Bocaiúva, espaço cultural mantido por uma construtora catarinense que coloca a capital no circuito das grandes mostras nacionais.

O recorte reúne trabalhos que atravessam séculos da produção artística brasileira, do século XIX à contemporaneidade. A diversidade de nomes busca retratar diferentes visões do país, do academicismo ao modernismo, passando por produções populares, indígenas e contemporâneas. Além de contemplar, o público também pode adquirir algumas das obras expostas – uma oportunidade rara, já que parte do acervo pertence a coleções privadas e dificilmente chega ao mercado.

Entre os artistas presentes estão Alberto da Veiga Guignard, Alfredo Volpi, Amadeo Luciano Lorenzato, Anita Malfatti, Antonio Bandeira, Antônio Parreiras, Bruno Giorgi, Candido Portinari, Cícero Dias, Djanira da Motta e Silva, Emiliano Di Cavalcanti, Fernando Lindote, Chico da Silva, Frans Krajcberg, Franz Weissmann, Georgina de Albuquerque, Gilvan Samico, Heitor dos Prazeres, Ione Saldanha, Ivens Machado, Jaider Esbell, José Pancetti, Lasar Segall, Mestre Didi, Tarsila do Amaral, Victor Meirelles e Vik Muniz.

“As obras não foram escolhidas de forma aleatória; todas têm um contexto histórico” – afirma Perlingeiro. Para o curador, a força da mostra está nas conexões inusitadas: vacas pintadas por Tarsila dialogam com o gado de Segall, que o artista via como símbolo de solidariedade. Já Portinari aparece em uma fase expressionista, menos conhecida do grande público. “Essas conexões talvez sejam o grande mérito dessa exposição” – resume.



Fernando Lindote, *Samba de manhã*, 2015

Foto: Jeferson Hoffmann

O acesso gratuito amplia o alcance da iniciativa. Em um país onde grandes mostras costumam se concentrar em museus de São Paulo e do Rio de Janeiro, muitas vezes com ingressos caros, levar esse acervo ao centro de Florianópolis representa uma oportunidade inédita para moradores, estudantes e visitantes. A expectativa é que escolas e universidades integrem a visita à programação pedagógica, aproximando novos públicos de obras pouco vistas fora do eixo Rio-São Paulo.

Por trás da realização está a Hurbana, incorporadora e construtora que criou a Casa Hurbana Bocaiúva como espaço permanente de cultura, gastronomia e convivência. Reconhecida por empreendimentos de grande porte e pelo conceito de “Cidade Para Pessoas”, a empresa aposta em iniciativas que aproximam seus projetos da vida urbana criativa. Ao abrir gratuitamente uma exposição desse porte, promove um movimento raro no setor: usar a construção civil também como plataforma de experiências coletivas.

A mostra é realizada em uma parceria da Casa Hurbana Bocaiúva com a Pinakothek Cultural e a A.Galeria. Inaugurada em março deste ano, a A.Galeria é um espaço da Hurbana dedicado exclusivamente às artes vi-



Ione Saldanha, *Cidade*, circa 1963

Foto: Jeferson Hoffmann

suais – e integra a realização da exposição, ao lado da Pinakothek. A direção artística é de Marc Pottier, com coordenação de Sandra Makowiecky.



Djanira, *Saquarema, RJ*, 1970

Foto: Jeferson Hoffmann

SERVIÇO

“Visões do Brasil”

Até 7 de dezembro

Casa Bocaiúva – Mezanino

Rua Bocaiúva, esquina da travessa Abílio de Oliveira,
Centro, Florianópolis / SC

Dias/Horários: terça a sábado, das 13h às 19h

Entrada gratuita

As obras expostas estão disponíveis para venda.

Na página ao lado:
Emiliano Di Cavalcanti, *Paisagem com tropeiros*, 1940

Foto: Jeferson Hoffmann





Homem e a Tartaruga, 1979

Foto: Divulgação

ANTÔNIO POTEIRO: 100 ANOS

Galeria Errol Flynn, em Belo Horizonte, celebra o centenário do artista em exposição que reúne mais de 100 obras entre pinturas, cerâmicas e painéis raros. A curadoria é de Errol Flynn Jr.

Nascido em Portugal em 1925 e radicado ainda criança no Brasil, Antônio Poteiro (1925-2010) construiu sua trajetória entre Minas Gerais e Goiás, territórios que marcaram profundamente sua linguagem visual. Em Minas, viveu seus primeiros contatos com o imaginário popular e o ofício de ceramista; em Goiás, encontrou o solo simbólico onde sua arte floresceu, integrando religiosidade, vida cotidiana e mitos rurais.

A grande maioria das obras em exposição pertence ao acervo da galeria. Foram adquiridas ao longo dos anos e constituem uma das maiores coleções do artista. *“Creio que acervo com o mesmo porte e brilho só deve existir em Goiânia, nos conjuntos da família e do Instituto Antônio Poteiro”*, diz o crítico Olivio Tavares de Araújo, que ressalta a sensibilidade dos irmãos Leonardo e Errol Flynn com a obra de Poteiro – ao todo, adquiriram 113 obras, o equivalente a 1,13 obra por ano de vida do artista.

A exposição, com foco nas décadas de 1970, 1980 – período de maturidade e plenitude criativa do artista – e 1990, propõe um olhar sobre Poteiro como um mediador entre tempos e culturas, cuja obra ultrapassa o campo da arte popular para afirmar-se como reflexão universal sobre a existência e o pertencimento. Segundo o crítico Marcus de Lontra Costa, *“Poteiro é um artista que brota da terra – sua obra é feita de barro, cor e memória. Em suas cerâmicas e pinturas, o gesto do fazer se transforma em linguagem, num diálogo entre o sagrado e o humano que transcende fronteiras geográficas ou estilísticas.”*

Antonio Poteiro – que não fez nenhum estudo específico sobre arte, e não aprendeu a desenhar ou pintar – foi descoberto por Siron Franco, no começo dos anos 1970, lembra Olivio. Em seu texto crítico sobre o artista: *“Observando a riqueza formal da ornamentação dos potes, a fabulação rica e movimentada, a fer-*

Cangaceiros, 1984

Foto: Divulgação



Sonho, 1979

Foto: Divulgação





Ceia do Coronel, 1976

Foto: Divulgação

vente invenção, Siron teve a ideia de lhe colocar nas mãos tintas, telas e pinceis, e fosse o que Deus quisesse. Deus quis. A força do pintor emergente lhe valeu sucesso imediato de público e de crítica. Daí em diante expôs no Brasil e no exterior, em todas as coletivas internacionais da nossa arte contemporânea, e em numerosas individuais.”

A crítica Denise Matar ressalta que Poteiro usa a cor como modela o barro: com as mãos da devoção. “O es-

O Mundo, 1982

Foto: Divulgação



paço de suas telas é densamente preenchido por figuras que compartilham um mesmo gesto, um mesmo movimento, criando uma estética do múltiplo festivo, onde a repetição se torna forma de permanência. O excesso visual não é ruído: é celebração – e nele se reconhece um mundo onde a beleza está na insistência do cotidiano e no milagre do comum. Em Poteiro, a repetição é mantra, oração popular. Suas figuras multiplicam-se como rezas murmuradas em coro, como fiéis numa procissão sem fim. Tudo remete ao ciclo da natureza e ao tempo ritualístico – o tempo da terra, da festa, do sagrado”.



Pote Ciranda, 1976

Foto: Divulgação

ALGUMAS OBRAS

Entre as pinturas expostas, *Ceia do Coronel* (1976, óleo sobre tela, 73 x 92 cm) revela a dimensão social e sim-

bólica da obra de Poteiro. A cena – ao mesmo tempo festiva e crítica – transforma o banquete em uma alegoria da desigualdade e da hierarquia, em que o sagrado é reelaborado à luz do cotidiano sertanejo.

Em *Homem e a Tartaruga* (1979, óleo sobre aglomerado, 46 x 52 cm), o artista transfigura o mito em fábula. O homem e o animal, figuras de tempos distintos, parecem partilhar a mesma paciência e destino, como se o ritmo do mundo dependesse da lentidão da terra.

Já em *O Mundo* (1982, óleo sobre tela, 70 x 60 cm), ele cria uma cosmogonia própria. O planeta surge não como globo científico, mas como corpo pulsante – território de mistérios e crenças, habitado por seres que flutuam entre o humano e o divino.

A cerâmica *Pote Ciranda* (1976, cerâmica pintada, 49 x 28 cm) dá forma tridimensional a essa cosmologia. A roda de figuras que se entrelaçam remete aos ciclos da vida e à dança do tempo. É uma escultura que respira – viva, porosa, feita de gestos e vozes da terra.

SERVIÇO

Antônio Poteiro: 100 anos

Até 26 de janeiro de 2026

Galeria Errol Flynn

Rua Curitiba, 1862, Lourdes, Belo Horizonte / MG

Dias/Horários: segunda a sexta-feira, das 9h às 18h;

sábados, das 10h às 13h

Entrada gratuita

<https://errol.com.br/>

Nossa Senhora com Anjos, 1985

Foto: Divulgação



De Belém a Santa Catarina, e no circuito Rio-São Paulo, veja aqui como se oxigenar com arte, ideias e criatividade que valem a pena.

EXPOSIÇÕES

“ANTONIO OBÁ – NASCIMENTO”, NA MENDES WOOD, SP



Ka'a pora, 2024

Foto: Divulgação

A mostra apresenta uma série de trabalhos multifacetados do artista, que utiliza técnicas distintas como pintura, desenho, instalação e filme. As obras dão continuidade à sua investigação sobre a construção da identidade nacional, explorando suas contradições e influências por meio de ícones e símbolos da cultura brasileira. O título remete à ideia de nascimento como um marco, o início de uma nova existência que carrega em si o milagre e a dualidade de fortuna e sorte. Para o artista, *"Estar sujeito a isso não diz a respeito de uma escolha. Estar sujeito a isso diz a respeito de uma irreverência ao inevitável. Então, o que podemos fazer é demarcar essas várias sortes através do rito, da celebração, do símbolo, da linguagem."* Cada peça na exposição materializa essa tentativa de situar a ideia de sorte e fortuna, manifestando-se ora como uma prece, ora como um ritual de celebração.

De 8 de novembro até março 2026 / Mendes Wood DM / Rua Barra Funda, 216, São Paulo, SP / Segunda a sexta, das 11h às 19h; sábado, das 10h às 17h / Entrada franca

JAGUAR PARADE EM BELÉM



Gabriel Cardoso, *Jaya Nã*

Foto: Divulgação

A *Jaguar Parade Belém 2025* chega à capital paraense com uma proposta que une arte, cultura e conservação ambiental. A exposição internacional de arte urbana reúne esculturas em tamanho real de onças-pintadas, customizadas por artistas nacionais e internacionais, instaladas em praças, parques e pontos turísticos da

cidade. As esculturas, produzidas em fibra de vidro e com 1,8 metro de comprimento, ganharão vida pelas mãos de artistas amazônidas e de outras regiões do país. Após passar por Nova Iorque, São Paulo, Rio de Janeiro e Paris, a mostra desembarca em Belém durante a COP30, reforçando uma mensagem global de preservação da biodiversidade amazônica e do maior felino das Américas. Parte dos recursos arrecadados com o leilão beneficente das obras será destinada ao Instituto Líbio, organização brasileira dedicada à conservação da fauna silvestre e à proteção de habitats naturais. O Instituto também participa da exposição com a escultura “JAYA NÃ”, criada por Gabriel Cardoso (GC Arte), artista visual e arte-educador nascido no bairro Jurunas, em Belém. Autodidata e criador do conceito de *Afrofuturismo Amazônico*, Cardoso combina ancestralidade, tecnologia e referências da cultura local em suas obras. Sua onça amazofuturista é um bom exemplo: mescla grafismos marajoaras e elementos tecnológicos, representa a conexão entre tradição e futuro, chamando atenção para a luta contra a extinção da onça-pintada e pela preservação da floresta, de seus povos e de sua cultura. A exposição fica em cartaz até 30 de novembro, com dois eventos principais: a “*Reuni-onça*”, em 15 de novembro, e o leilão beneficente online, em 29 de novembro, Dia Internacional da Onça-Pintada.

Exposição pública: até 30 de novembro / Reuni-onça: 15 de novembro / Leilão beneficente: 29 de novembro (online)

“CAÇADORES DE PIPAS E O JACAREZINHO”

Pipas no alto, memória no chão: exposição costura vivências de diferentes favelas em um retrato afetivo da periferia. O céu da favela é risco, cor e liberdade. Na mostra, o fotógrafo Léo Lima revela a potência nas periferias cariocas através de uma série de imagens que documentam a brincadeira de soltar pipa como gesto de invenção, resistência e memória. A partir do encontro com moradores de diferentes comunidades, a mostra tece uma rede de afetos e experiências que atravessam o cotidiano das periferias cariocas e propõe um olhar sensível e não exotizado sobre as favelas, reconhecendo nelas território de invenção, sonho e liber-

dade. Realizada no SESC Madureira, conta com atividades complementares como oficinas, com a finalidade de ampliar o diálogo entre arte, educação e território.

Até 1º de fevereiro de 2026 / SESC Madureira / R. Ewbank da Câmara, 90, Madureira, Rio de Janeiro, RJ / Terça a sexta, das 10h às 19h; sábados, domingos e feriados, das 10h às 16h / Classificação livre / Entrada franca



Foto: Léo Lima

ÓPERA

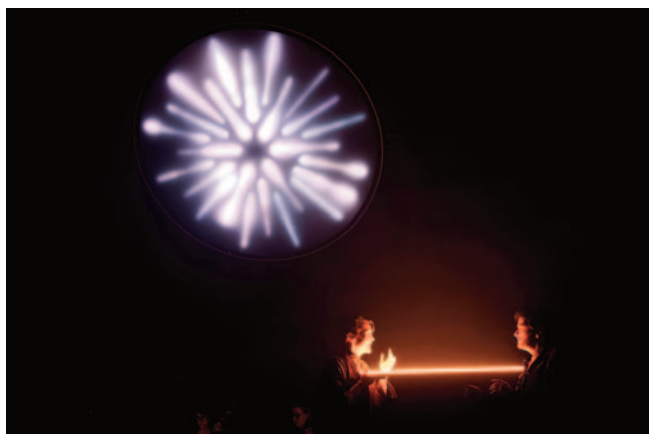
THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO “LES INDES GALANTES”, DE JEAN-PHILIPPE RAMEAU”

Em uma fusão ousada entre tradição e contemporaneidade, celebrando a Temporada França-Brasil 2025, o Theatro Municipal apresenta a ópera *Les Indes Galantes*, de Jean-Philippe Rameau, com libreto de Louis Fuzelier. A concepção cênica e coreográfica será de Bintou Dembélé, pioneira do hip hop na França; a direção musical, de Leonardo García-Alarcón, à frente da Cappella Mediterranea, um dos conjuntos barrocos mais respeitados da atualidade. O Coral Paulistano, sob regência de Maíra Ferreira, compõe o elenco vocal. Obra-prima do Iluminismo, *Les Indes Galantes* será apresentada em parceria com o Instituto Francês. Criada em 1735 para a Académie Royale de Musique, *Les Indes Galantes* retrata como os europeus do século XVIII viam (ou imaginavam) outros povos. A obra original consiste

em uma sequência de quatro dramas líricos independentes, interligados por um tema exposto no prólogo: o amor. Cada um dos atos é ambientado em um local “exótico” para os franceses do século XVIII: a Turquia, o Peru, a Pérsia e a América do Norte.

26/11, 27/11, 02, 03 e 04/12, às 20h; 29 e 30/11, às 17h / ingressos de R\$ 33 a R\$ 210 / Duração: 150 minutos / Classificação: Livre para todos os públicos

Foto: Christophe Raynaud de Lage



GASTRONOMIA

SEGREDOS DO STOLLEN NO NATAL EM POMERODE, SC
Reconhecida pela excelência na produção do *Stollen*, doce natalino típico da Alemanha, a confeitaria Katja Walter será uma das atrações do Natal em Pomerode, que acontece de 26 de novembro de 2025 a 4 de janeiro de 2026. A profissional ministrará uma oficina para padeiros e confeitadores locais, compartilhando técnicas do famoso “panetone alemão”, que também estará entre as delícias do Mercado de Natal. Katja dirige a tradicional Confeitaria Walter, em Erzgebirge, região conhecida como a “Terra do Natal”. Finalista do programa “O Melhor Padeiro de Natal da Alemanha” (ZDF, 2015) e destaque da revista gastronômica *Feinschmecker* em 2024, ela modernizou o negócio familiar ao levar o *Stollen* para o comércio online. Segundo o secretário de Turismo, Cultura e Desenvol-

vimento Econômico, Manfredo Goede, o objetivo é que o evento deixe um legado de qualificação profissional e gere impacto positivo para a cidade ao longo do ano. Além do Mercado de Natal, instalado no Centro Cultural da cidade, o evento terá desfile de lanternas, nova decoração e iluminação, espetáculos e atividades culturais em diversos pontos da cidade.

Mais informações em <https://visitepomerode.com.br/confeitaria-alema-vai-ensinar-os-segredos-do-stollen-no-natal-em-pomerode/>



Foto: Lucas Dippmar / Divulgação

PASSEIO

HISTÓRIA SERVIDA À MESA: EVENTO UNE GASTRONOMIA E MEMÓRIA NO CORAÇÃO DO RIO

Nos dias 8 e 9 de novembro, o Sobrado da Cidade, no Centro do Rio, realiza a última edição do ano do seu *Evento Histórico*, experiência imersiva que combina gastronomia, cultura e história viva, transportando o público ao Brasil do século XIX. Idealizado por Carla Teixeira, o projeto recria o ambiente da época com

cenografia, figurinos e cardápio inspirados no período, resultado de pesquisa da historiadora Dra. Thaina Schwan Karls, especialista em alimentação colonial. Durante o banquete, a historiadora Nathalia Vivaqua conduz o público em uma viagem pelos costumes e rituais da sociedade oitocentista. A programação inclui um tour guiado pelo Centro Histórico, revelando marcos e personagens que moldaram o Rio Antigo, e encerra com uma missa em latim na Igreja Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores, com coral e ritos tradicionais. Localizado na Rua do Rosário, 34, o Sobrado da Cidade – casarão de 1865 com azulejos holandeses e paredes erigidas com óleo de baleia – é hoje um espaço gastronômico e cultural dedicado a celebrar as raízes cariocas. Com apenas 38 lugares por edição, o *Evento Histórico* acontece das 9h30 às 13h30.

8 e 9 de Novembro (sábado e domingo) / Sobrado da Cidade / Rua do Rosário, 34, Centro, Rio de Janeiro (a poucos passos do CCBB) / Preços: R\$ 250,00 (opção Carioquinha, moradores do Estado do Rio de Janeiro, mediante a apresentação do comprovante de residência no dia do evento) e R\$ 300,00 (para os demais) / Vendas de ingressos: <https://www.sympla.com.br/evento/evento-historico-novembro/3130635>



Foto: Divulgação

POÇO IMPERIAL

ÚLTIMOS DIAS

MARIA BONOMI

A arte de amar, a arte de resistir

Curadoria Paulo Herkenhoff e Maria Helena Peres

EXPOSIÇÃO

6 SET - 16 NOV

VOLUSPA JARPA

Cartografia
incógnita

Curadoria

BIENALSUR Diana

Wechsler

EXPOSIÇÃO

6 SET - 16 NOV

IBRAM e CAIXA CULTURAL apresentam

paisagens em SUSPENSÃO

Curadoria de Daniela Matera e Daniel Barretto

**09.OUT.2025 a
18.JAN.2026**

Terça a Domingo, das 11h às 22h

Recorte do quadro Café, de Candido Portaria (1935), MNBA/RJ



Livre

CAIXA Cultural Belém

Av. Mal. Hermes, S/N – Armazém 6 – Umarizal, Belém, PA

Telefone: (91) 3397-9390

caixacultural.gov.br | [@caixaculturalbelem](https://www.instagram.com/caixaculturalbelem)

PRODUÇÃO:



PROJETO:



APOIO:



PATROCÍNIO:



REALIZAÇÃO:

